

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGA

Thayná Donato Gomes

Depois da retomada. Uma etnografia da aldeia Três Rios, com ênfase no papel das mulheres, Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór – PB

João Pessoa
2025

Thayná Donato Gomes

Depois da retomada. Uma etnografia da aldeia Três Rios, com ênfase no papel das mulheres, Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór – PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia.
Orientador: Prof. Dr. Estêvão Martins Palitot.
Coorientadora: Profa. Dra. Ruth Henrique da Silva.

João Pessoa
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAE)
Centro de Ciências Humanas Letras E Artes (CCHLA)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

PPGA
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Ata da Defesa da Dissertação de Mestrado da Aluna THAYNÁ DONATO GOMES

Aos vinte e nove dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco, às quatorze horas, realizou-se por meio da plataforma de videoconferência Google Meet, a sessão pública de defesa da Dissertação intitulada: DEPOIS DA RETOMADA. UMA ETNOGRAFIA DA ALDEIA TRÊS RIOS, COM ÊNFASE NO PAPEL DAS MULHERES, TERRA INDÍGENA POTIGUARA DE MONTE-MÓR – PB, apresentada pelo aluna Thayná Donato Gomes, Graduada em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba. Que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM ANTROPOLOGIA, área de Concentração em Antropologia Social, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Fabio Mura, Coordenador do Programa de Pós–Graduação em Antropologia da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós–Graduação. O Prof. Dr. Estêvão Martins Palitot (PPGA/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os professores doutores Sidnei Clemente Peres (UFF), examinador externo, Kelly Emanuelly de Oliveira (PPGA/UFPB), examinadora interna e Ruth Henrique da Silva (PPGDHUFPB), coorientadora. Dando início aos trabalhos, O Senhor Presidente, Prof. Dr. Estevão Martins Palitot convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida foi concedida a palavra ao mestrando para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADA. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Estevão Martins Palitot, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Prof. Dr. Estevão Martins Palitot, (Secretário(a) ad hoc) lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 29 de agosto de 2025.

[redacted]
Thayná Donato Gomes
(Mestranda)

[redacted]
Prof. Dr. Estevão Martins Palitot
(Presidente da Banca)

gov.br Documento assinado digitalmente
KELLY EMANUELLY DE OLIVEIRA
Data: 14/10/2025 14:50:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Kelly Emanuelly de Oliveira
(examinadora interna)

gov.br Documento assinado digitalmente
SIDNEI CLEMENTE PERES
Data: 13/10/2025 22:13:27-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Sidnei Clemente Peres
(examinador externo - UFF)

gov.br Documento assinado digitalmente
RUTH HENRIQUE DA SILVA
Data: 17/10/2025 16:32:02-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Ruth Henrique da Silva
(Coorientadora – PPGDH/UFPB)

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633d Gomes, Thayna Donato.
Depois da retomada. Uma etnografia da aldeia Três Rios, com ênfase no papel das mulheres, Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór - PB / Thayna Donato Gomes. - João Pessoa, 2025.
79 f.

Orientação: Estêvão Martins Palitot.
Coorientação: Ruth Henrique da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Etnografia indígena. 2. Mulheres indígenas. 3. Povo Potiguar - Paraíba. 4. Território indígena. I. Palitot, Estêvão Martins. II. Silva, Ruth Henrique da. III. Título.

UFPB/BC CDU 39-027.61(813.3)(043)

Elaborado por KAROLLYNE FERREIRA DANTAS - CRB-4/2319

Thayná Donato Gomes

Depois da retomada. Uma etnografia da aldeia Três Rios, com ênfase no papel das mulheres, Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór – PB

Banca examinadora

Examinador 1- Prof. Dr. Estevão Martins Palitot (Presidente da banca)

Examinador 2- Profa. Dra. Ruth Henrique da Silva (Coorientadora – PPGDH-UFPB)

Examinador 3- Profa. Dra. Kelly Emanuelly de Oliveira (Examinadora interna – PPGA-UFPB)

Examinador 4- Prof. Dr. Sidnei Clemente Peres (Examinador externo – UFF)

Dedico este trabalho às famílias da aldeia Três Rios, pelo acolhimento e pelas contribuições fundamentais para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua proteção e cuidado em todos os momentos de luta e desafios que foi a trajetória desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA/UFPB), pelos diálogos e aprendizados nas disciplinas. Foram essenciais para minha formação.

Aos meus queridos pais que mesmo sendo agricultores, sempre me conduziram a trilhar nos espaços educacionais. Acreditando e valorizando o meu crescimento e aprendizado. O apoio e o amor foram fundamentais para que chegasse até aqui.

À minha amiga e irmã que a Universidade me deu, Djuliane Manoelly Benigno do Nascimento. Quero agradecer por estes dois anos de aventuras cheias de aprendizado na Pós Graduação. E grata pelo acolhimento em sua casa nos dias em que não podia retornar para minha aldeia.

Ao querido amigo e ex-professor Pedro Lôbo dos Santos, por estar sempre presente em minha trajetória estudantil. Sua maravilhosa companhia e as caronas que me proporcionou para participar dos eventos e atividades no território Potiguara.

Ao meu querido orientador, Dr. Estêvão Martins Palitot, pelos ensinamentos, pela sua constante disponibilidade, sempre prestativo e por acreditar em mim mesmo nos momentos em que eu mesma duvidava.

A minha coorientadora, Dra. Ruth Henrique, pela sua doçura na orientação, e pelos ensinamentos que vão além da academia. Sua gentileza e reflexões fizeram toda diferença em minha trajetória.

As famílias da aldeia Três Rios, em especial as que contribuíram para que esta pesquisa acontecesse. A essas famílias, a minha gratidão.

Aos componentes do Projeto Curica e Juriti, por todo acolhimento e eventos nos quais em que pude estar presente, dialogando, somando e plantando sementes para que no futuro, possamos colher resultados positivos.

A retomada é o gesto que reconstrói o tempo
e afirma a presença de um povo na terra.

Davi Kopenawa Yanomami

LISTA DE ABREVIATURAS

DSEI - Distrito Sanitário Especial Indígena

SESAI - Secretaria de Saúde Indígena

FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas

CIMI - Conselho Missionário Indigenista

T I de Monte- Mor - Terra Indígena Potiguara de Monte-Mor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Lena……..……..14
Figura 02- Cacique Aníbal…….. ……....15
Figura 03- Solenidade de Homologação……..……....17
Figura 04- Solenidade de Homologação……...17
Figura 05- Aniversário da retomada da Aldeia Três Rios... …….....32
Figura 06- Imagem de Satélite do manguezal do rio Mamanguape.....33
Figura 07- Marcação nos anos de 1990.…….……..34
Figura 08- Aldeia Três Rios, casas, quintais e roçados…..…….....……35
Figura 09- Pajé Josecy……..36
Figura 10- Dona Zita……....41
Figura 11- Recorte de jornal de 04 de agosto de 2003 ……....43
Figura 12- Sú em seu estabelecimento comercial……47
Figura 13- Estabelecimento comercial de Sú……...47
Figura 14- Campo de Futebol O RENATÃO……...…47
Figura 15- Dona Maria do Porco..……..……..53
Figura 16- Percussão…...……...…53
Figura 17- Músicas da Ciranda…….. .54
Figura 18- Grupo Ciranda Garganta de Ouro…….……54
Figura 19- Mandioca mole pronta para ser triturada…….....57
Figura 20- Seu Pedro triturando a mandioca…….……...57
Figura 21- Massa de mandioca triturada……...58
Figura 22- Dona Ném……...58
Figura 23- Muda de planta……....65
Figura 24- Mudas novas de plantas…….…….....65
Figura 25- Espaço de Reflorestamento do Projeto Curica……...65
Figura 26 - Limpeza do espaço do espaço envolvendo crianças, jovens e anciãos.....65
Figura 27- Dona Zita, Capitão Potiguara, Seu José Mendes, Pajé Cy, Irmã Juvanete e Dona Maria do Porco……....…68
Figura 28- Dona Zita……..…….……..68
Figura 29- Espaço de Reflorestamento do Projeto Curica 2017……..……69
Figura 30- Espaço do Projeto Curica em 2024…….……70
Figura 31- Seu José Mendes……72

Figura 32- Espaço de Reflorestamento do Projeto Juriti……..73

RESUMO

Nesta dissertação abordo a retomada da aldeia Três Rios, localizada na Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór, litoral norte da Paraíba. A retomada de Três Rios aconteceu duas décadas antes dessa pesquisa, no ano de 2003 e, no momento atual, a aldeia conta com uma população de mais de mil habitantes. A retomada foi um elemento impulsionador na luta pela demarcação da Terra Indígena, que foi homologada no ano de 2024. Ao analisarmos a retomada e constituição da aldeia teremos como foco de análise duas dimensões que escolhemos como prioritárias: a) o protagonismo das mulheres indígenas na retomada e no cotidiano da aldeia e b) os processos de recuperação ambiental do território de Três Rios enquanto uma ação continuada da retomada. A aldeia Três Rios foi antes um canavial que pertencia às usinas, por este motivo o desmatamento ocasionou a infertilidade na terra causando graves danos ambientais, hoje a terra se encontra ocupada por famílias indígenas Potiguara e em processo de recuperação. O estudo que desenvolvo se alinha com as pesquisas desenvolvidas em torno das noções de processo de territorialização e retomadas de terras indígenas, às quais venho somar o enfoque na atuação das mulheres indígenas e nos processos coletivos de recuperação ambiental do território.

Palavras-chave: retomadas de terras; mulheres potiguara; recuperação ambiental; aldeia três rios

RESUMEN

En esta tesis abordo la recuperación de la aldea Três Rios, situada en la Tierra Indígena Potiguara de Monte-Mór, en la costa norte de Paraíba. La recuperación de Três Rios tuvo lugar dos décadas antes de esta investigación, en el año 2003, y en la actualidad la aldea cuenta con una población de más de mil habitantes. La recuperación fue un elemento impulsor en la lucha por la demarcación de la Tierra Indígena, que fue homologada en el año 2024. Al analizar la recuperación y constitución de la aldea, nos centraremos en dos dimensiones que hemos elegido como prioritarias: a) el protagonismo de las mujeres indígenas en la recuperación y en la vida cotidiana de la aldea y b) los procesos de recuperación ambiental del territorio de Três Rios como una acción continuada de la recuperación. La aldea Três Rios era antes un cañaveral que pertenecía a las usinas, por lo que la deforestación provocó la infertilidad de la tierra, causando graves daños ambientales. Hoy en día, la tierra está ocupada por familias indígenas potiguara y en proceso de recuperación. El estudio que desarrollo se alinea con las investigaciones desarrolladas en torno a las nociones de proceso de territorialización y recuperación de tierras indígenas, a las que añado el enfoque en la actuación de las mujeres indígenas y en los procesos colectivos de recuperación ambiental del territorio.

Palabras-clave: recuperación de tierras; mujeres potiguara; recuperación ambiental; aldea Três Rios

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14
O TERRITÓRIO POTIGUARA.....20
REFERENCIAL TEÓRICO.....23
O TRABALHO DE CAMPO.....25
1 PROCESSO HISTÓRICO DA RETOMADA NA ALDEIA TRÊS RIOS.....29
1.1 MARCAÇÃO E A ALDEIA TRÊS RIOS.....29
1.2 PAJÉ JOSECY.....36
1.3 DONA ZITA.....40
1.4 LENA.....42
2 AS MULHERES DE TRÊS RIOS.....45
2.1 SÚ.....47
2.2 DONA MARIA DO PORCO.....50
2.3 DONA NÉM.....56
3 ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO AMBIENTAL.....61
3.1 RETORNO DA FERTILIDADE DO SOLO.....62
3.2 PROJETO CURICA.....63
3.3 1º ANIVERSÁRIO DO PROJETO CURICA.....67
3.4 PROJETO JURITI.....72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....7

INTRODUÇÃO

Meu nome é Thayná, sou uma jovem mulher indígena do povo Potiguara da Paraíba. Vivo na aldeia Laranjeira, Terra Indígena Potiguara, município da Baía da Traição. Sou graduada em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba e com esta dissertação estou concluindo o mestrado em Antropologia na mesma universidade. Minha pesquisa é sobre a retomada da aldeia Três Rios, localizada na Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór, município de Marcação. A ênfase da minha pesquisa é sobre a atuação das mulheres indígenas na retomada de Três Rios e as ações de recuperação ambiental desenvolvidas na aldeia.

Decidi realizar este estudo pelo fato de muitas vezes a atuação feminina ficar invisibilizada. São as mulheres protagonistas em todos os espaços da aldeia e que também saíram em defesa da terra. Além disso, ao observar a aldeia Três Rios, percebi a rapidez do retorno da fertilidade de boa parte da terra que estava degradada devido ao desmatamento e atividade canavieira, destaco o manejo sobre a recuperação do solo que acelerou o processo de sustentabilidade da terra.

No dia 18 de abril de 2024, uma tarde de quinta-feira, eu estava na aldeia Três Rios dando continuidade às visitas de campo e fui até a casa do ex-cacique Bel. Ao chegar na casa, ele não estava e fui recebida por sua esposa, Lena. Ela estava ocupada com as atividades do seu trabalho e Bel chegaria ao final da tarde, ele estava trabalhando no Polo Base de Saúde Indígena na aldeia Caieira, também em Marcação. Lena me recebeu gentilmente, interrompendo suas atividades e começamos a conversar. Neste primeiro momento em que a conheci, apresentei o projeto de pesquisa e ela lamentou de não ter registrado os momentos de como foi o processo de retomada, pelo fato de com o passar do tempo os acontecimentos vão ficando distantes do pensamento, esquecimento das memórias que é parte da história e significativa da aldeia Três Rios e todo povo Potiguara.

Enquanto estávamos na cozinha comentando sobre a pesquisa, recebi por mensagens em grupo de Whatsapp a informação de que naquele momento acontecia a 1º Reunião Ordinária do Conselho Nacional de Política Indigenista, e a possível homologação da TI Potiguara de Monte-Mór pela Presidência da República[1]. Eu repassava as informações para Lena e sim, ficamos na expectativa da possível homologação, depois de vinte e um anos de luta e resistência nosso sentimento não seria diferente. Com a chegada de Bel, já no final da

[1] A íntegra da reunião está na plataforma Youtube. A solenidade com o Presidente da República e ministros pode ser assistida a partir de 4 horas e 21 minutos do vídeo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oblLhO3L6k8 Acesso em: 04 de abril de 2025.

tarde, Lena rapidamente o recebeu com a notícia de que estava acontecendo à reunião e o Presidente Lula iria assinar a homologação da terra indígena.

Figura 01 - Na casa de Lena e Bel acompanhando pelos celulares a reunião em Brasília, 18/04/2024



Fonte: Acervo pessoal

Em seguida, Lena foi preparar o lanche e fiquei na sala, com Bel, explicando rapidamente sobre a minha pesquisa enquanto a reunião iniciava. Pouco mais de uma hora de discurso das lideranças indígenas e indigenistas, o Presidente Lula anunciou a homologação de duas Terras Indígenas que foram a TI Cacique Fontoura no estado do Mato Grosso e TI Aldeia Velha no Estado da Bahia. Foi mais uma vez a decepção com o governo, mais um ano sem a homologação da TI de Monte-Mór. No ano de 2023 havia a promessa de homologação da terra, que também não foi cumprida. Não existia mais nenhum impedimento jurídico e nem administrativo que impedisse a homologação e dessa vez em rede nacional o Presidente Lula não assinou o decreto alegando:

> Fiz isso porque nós temos um problema. Temos algumas terras que estão ocupadas, algumas por fazendeiros. Outras, por gente comum, possivelmente tão pobre quanto nós. Tem uma que tem 800 pessoas não indígenas ocupando. Alguns governadores pediram tempo para saber como é que a gente vai retirar essas pessoas. E vamos dar esse tempo (Luís Inácio Lula da Silva, 18 de abril de 2024[2].)

O cacique Aníbal da aldeia Jaraguá tinha sido levado para Brasília e esteve presente nesta reunião, na esperança de assistir a assinatura da homologação e ao pronunciamento da Presidência da República. Infelizmente isso não aconteceu. Ele retornou à aldeia decepcionado, e mais uma vez a dúvida continuou. Dias depois ele deu uma entrevista onde afirmou o sentimento geral dos Potiguara de Monte-Mór:

> Quem não deseja a demarcação são os usineiros que plantam cana-de-açúcar na Terra Indígena e são influentes na política local. O governador da Paraíba, João Azevêdo, do PSB, é alinhado a Lula e um dos que pediram "um tempo" ao presidente antes da homologação. "Foi uma surpresa para nós. Nos damos bem com o governador", disse no ATL o cacique Aníbal. "Chegando às bases, vamos fazer nossas manifestações. Vamos para frente da assembleia e do Palácio do governo." No dia seguinte ao anúncio de Lula, um juiz federal da Paraíba ordenou que a homologação de Potiguara de Monte-Mor seja concluída em até 90 dias (Aníbal Cordeiro.)

Figura 02 - Cacique Aníbal, da aldeia Jaraguá, durante o ATL 2024 em Brasília



Fonte: Sumaúma Jornalismo

[2] Disponível em: https://sumauma.com/oito-mil-indigenas-ocupam-brasilia-mas-sao-traidos-pelos-homens-de-terno/ Acesso em: 04 de abril de 2025.

Bel e Lena se questionavam, ficaram pensativos e tristes com o discurso da Presidência da República. Retornei para minha casa também com vários questionamentos, desanimada com a conclusão da reunião e mais ainda na casa de parentes indígenas tão atuantes em todo processo conflituoso que não acabou. De tantas questões postas pelo tempo presente e refletindo em um passado que não passou presenciar tudo isso justamente na minha primeira ida a casa deles. O sentimento foi de frustração e exclusão que tomou conta de todos nós diante deste resultado inesperado. Mas ao mesmo tempo me despertou mais ainda o interesse em conhecer e apresentar como a aldeia Três Rios vem reagindo a todos estes impasses.

Quando iniciei o estudo na aldeia Três Rios, a terra indígena Potiguara de Monte-Mor ainda não estava homologada. A falta de homologação da terra indígena gerava muita insegurança jurídica e uma tensão política, pois o processo de demarcação já esteve três vezes na mesa da Presidência da República para ser assinado e não foi. A primeira vez no governo Dilma Rousseff (2016) e as duas últimas em abril de 2023 e abril de 2024, já no terceiro mandato do presidente Lula.

Oito meses depois, na tarde do dia 04 de dezembro de 2024, recebemos a notícia da homologação da TI de Monte-Mor. Uma conquista inesperada e, ao mesmo tempo, a mais aguardada por todo povo Potiguara ao longo de tantos anos. Ninguém esperava que acontecesse naquele dia e através de grupos de WhatsApp, as informações circulavam com a notícia de que o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, havia assinado a homologação de três terra indígenas: Potiguara de Monte-Mor, na Paraíba, Morro dos Cavalos e Toldo Imbu em Santa Catarina[3]. A notícia viralizou nos jornais e em redes sociais. De imediato as lideranças indígenas Potiguara de Monte-Mor programaram os festejos de comemoração a essa vitória, fruto de muita luta organizada por muitos indígenas presentes diretamente e indiretamente, muitos já se ancestralizaram[4] e não puderam vivenciar essa vitória. Foi um momento de reflexão e celebração muito aguardada por gerações em todo território Potiguara.

[3] Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/presidente-lula-assina-homologacao-de-mais-tres-terras-indigenas-na-vespera-do-aniversario-de-57-anos-da-funai Acesso em: 04 de abril de 2025.
[4] É o termo em que os Potiguara utilizam para referenciar respeitosamente o indígena que faleceu e deixa legado de luta e representatividade para a comunidade.

Figura 03 e 04 - Solenidade de Homologação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór



Fonte: Ricardo Stuckert (2024)

Cacique Babau Tupinambá (Bahia); mulher não identificada; homem não identificado; Ministro da Justiça Ricardo Lewandowski; Joênia Wapichana (Presidenta da Funai); Weibe Tapeba (Secretário Nacional de Saúde Indígena); Presidente Lula; Cacique-Geral Sandro Potiguara (vereador no município de Rio Tinto); Ministra Sônia Guajajara; Cacica Cal (Claudecir Braz – cacica da Vila Monte-Mór e vereadora em Rio Tinto); Dinamam Tuxá (Advogado da Apoinme) e Maurício Terena (Advogado da APIB).



Assim, com muitos momentos de fortes emoções, se desenvolveu a minha pesquisa na aldeia Três Rios. Uma parte importante da minha trajetória como indígena antropóloga. Como já disse, sou antropóloga, indígena Potiguara da aldeia Laranjeira, município de Baía da Traição e durante a minha graduação realizei várias atividades acadêmicas relacionadas ao meu povo. Nesse sentido, desenvolvi meu trabalho de Conclusão de Curso, com o tema "Uma etnografia da organização Social da aldeia Laranjeira". "Terra Indígena Potiguara, Baía da Traição-PB" (Gomes, 2021). Na condição de indígena e pesquisadora, considerando minhas experiências ao longo desta trajetória acadêmica, o meu interesse partiu justamente dos estudos que realizei, onde pude perceber que apesar de compor um mesmo povo indígena as aldeias Potiguara se diferenciam entre si em termos ambientais, históricos, organizacionais e políticos.

Durante este caminho percorrido me despertou inquietações em relação ao tema apresentado, tais como: a) como se organizam hoje as famílias indígenas na aldeia Três Rios? b) Quais as estratégias de recuperação ambiental que os grupos domésticos aplicam no território? c) Qual a principal fonte de recurso da aldeia Três Rios, hoje? d) Como foi à participação feminina durante o processo de retomada?

Além disso, é importante reconhecer que a retomada da aldeia Três Rios foi um dos eventos mais importantes na demarcação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór, constituindo um ponto de virada que acelerou a pressão que as famílias indígenas exerciam para a regularização do território (Palitot, 2005; Marques 2009; Palitot e Yogi, 2022).

O TERRITÓRIO POTIGUARA

O povo Indígena Potiguara reside no litoral norte da Paraíba, habitando trinta e três aldeias organizadas em três Terras Indígenas, que são elas: Terra Indígena Potiguara, Terra Indígena Jacaré de São Domingos e Terra Indígena Monte-Mór, que estão situadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto. E ressalto a aldeia Taiepe localizada no município de Rio Tinto. Está aldeia se encontra fora da TI Potiguara[5], segue aguardando estudo com a proposta ser incluída na TI Potiguara.

A demarcação das terras indígenas Potiguara tem sido um processo conflituoso que se prolonga desde o final dos anos 1970, A primeira demarcação foi a da Terra Indígena Potiguara no ano de 1984, depois veio a de Jacaré de São Domingos em 1988 e a Potiguara de Monte-Mór que teve dois estudos pela FUNAI, o primeiro em 1996 e o segundo em 2004. A seguir apresento a situação de todas as três TI Indígenas Potiguara e aldeias.

Tabela 01- Terras Indígenas Potiguara

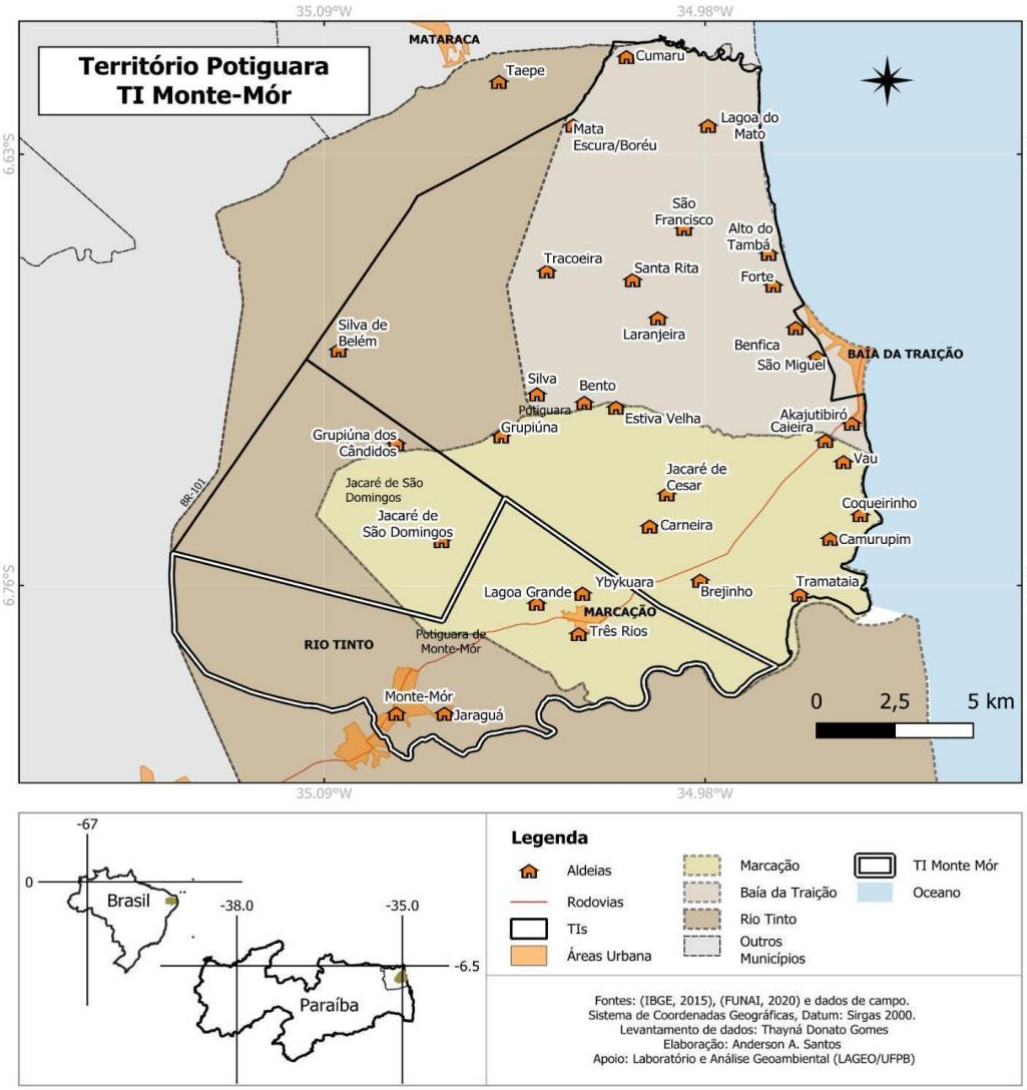
Terra Indígena	**Município**	**Área (Hectares)**	**Situação Jurídica**
Potiguara	Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto.	21.238,49	Registrada
Jacaré de São Domingos	Marcação e Rio Tinto	5.032,24	Registrada
Potiguara de Monte-Mór.	Marcação e Rio Tinto	7,530. 60	Homologada
Aldeia Taiepe	Rio Tinto	-------	Sem Providências

Fonte: Funai e Anaí (2024)

[5] Disponível em: https://anaind.org.br/tabela/; https://www.jusbrasil.com.br/noticias/mpf-pb-recomenda-incluir-aldeia-taepe-em-terra-indigena-potiguara/127805372; https://infoms.saude.gov.br/extensions/sesai_pop_indigena/sesai_pop_indigena.html. Acesso em: 20 de abril de 2025.

A Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór localiza-se nos municípios de Marcação e Rio Tinto, na Paraíba. São formadas pelas aldeias Monte-Mór, Jaraguá, Três Rios, Ybykuára e Lagoa Grande. As duas primeiras em Rio Tinto e as demais em Marcação. O território, com cerca de 7,5 mil hectares, abriga mais de 7 mil indígenas em seis aldeias. De acordo com dados do Censo 2022, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[6]. O manguezal do rio Mamanguape é um importante ecossistema nessa terra indígena e alcança as aldeias Jaraguá e Três Rios. O principal conflito nesse território é com os plantios de cana-de-açúcar das usinas da região (Araújo, 2017; Palitot e Yogi, 2022).

Mapa 01- Território Potiguara



[6] Destinada à posse permanente do povo indígena Potiguara. Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2024/presidente-lula-assina-homologacao-de-mais-tres-terras-indigenas-na-vespera-do-aniversario-de-57-anos-da-funai Acesso em 20 de maio de 2025.

Fonte: gentilmente produzido e cedido pelo professor Anderson Alves dos Santos do DEMA/CCAE/UFPB

De acordo com Palitot (2021) a TI Potiguara corresponde à antiga Sesmaria dos Índios de São Miguel da Baía da Traição, enquanto as TIs Jacaré de São Domingos e Potiguara de Monte-Mór, correspondem juntas à maior parte da Sesmaria dos Índios de Monte-Mór, antiga aldeia da Preguiça. A sede do município de Marcação encontra-se no centro da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór, sendo excluída dela, conforme o decreto de homologação da terra indígena[7].

A demarcação das terras Potiguara tem sido um tema de estudo por diversos autores. Para refletir sobre este contexto utilizo como suporte Ana Lúcia Lobato de Azevedo (1986) para compreender como surgiram os primeiros conflitos territoriais em terras indígenas Potiguara. Os estudos de Sidnei Peres (2001; 2004) que fez a identificação da TI Potiguara de Monte-Mór para a FUNAI. Debruço-me também sobre os estudos de Palitot (2005) e Palitot e Yogi (2022), para pensar e dialogar sobre as três terras indígenas Potiguara, com ênfase na luta e resistência especificamente na terra indígena Potiguara de Monte-Mór. A pesquisa de Amanda Marques (2009), sobre a retomada da aldeia Três Rios, acrescenta a minha análise ao apresentar o conflito sobre a terra indígena de Monte-Mor, reforçando a perseverança indígena e reconhecimento dos direitos territoriais. Destaco a reflexão de Vieira (2010) sobre a organização social das famílias Potiguara, contextualizando sobre os modos de vida e dinâmicas internas especificamente das famílias da aldeia Três Rios. Por fim, o trabalho de Marianna Araújo (2017) sobre os grupos domésticos na aldeia Jaraguá contribui para o meu entendimento dos processos de organização social das famílias indígenas de Três Rios, assim como os estudos de Alexandra Barbosa e Fabio Mura (2011). Por fim, Ivys Medeiros Costa (2014) sobre os conflitos socioambientais e fundiários na TI de Monte-Mor, dando ênfase em pesquisas bibliográficas, processos de documentos autuados pelo IBAMA e outras instituições, me permite refletir como esses atores sociais se posicionaram frente a este confronto.

[7] § 2º Exclui-se da área descrita no § 1º o limite urbano do Município de Marcação, Estado da Paraíba, com superfície de cem hectares e noventa e sete ares e vinte e um centiares e perímetro de quatro mil e setecentos e vinte e dois metros e noventa e nove centímetros, a seguir descrita. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2024/decreto-12288-4-dezembro-2024-796642-publicacaooriginal-173671-pe.html Acesso em: 30 de junho de 2020.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para refletir sobre este contexto de minha pesquisa utilizo, além da literatura já mencionada sobre o povo Potiguara, principalmente as noções de processo de territorialização (Pacheco de Oliveira, 2004) e de Retomada (Alarcon, 2014; Tofoli, 2010).

Neste sentido, a reflexão teórica que orienta esta dissertação traz como um dos principais conceitos a noção de território na perspectiva de Raffestin (1980).

> Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle, portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações (Raffestin, 1980 p.144).

Diante da situação considero que a aldeia Três Rios passou por diversas modificações desde a retomada. O tema das retomadas e povos indígenas já é um objeto de uma série de análises teóricas nos últimos anos apresentado por vários pesquisadores, a partir dos autores a seguir estarei tomando a referência, como ressalto a partir dos estudos de João Pacheco de Oliveira (2004) sobre o processo de territorialização dos índios do Nordeste.

As terras indígenas sempre foram alvo de conflitos, principalmente no Nordeste por sofrer o silenciamento por muitos anos ocasionados pelo próprio órgão indigenista na tentativa de dominar a existência dos povos indígenas, e neste contexto se apresentar como fluxos colonizadores. A partir disso de acordo com Oliveira (2004), o processo de territorialização foi se determinando com o surgimento do movimento indígena como um movimento político, que fica claro no trecho a seguir:

> Nesse sentido, a noção de territorialização é definida como um processo de reorganização social que implica: 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; 2) a constituição de mecanismos políticos especializados; 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais; 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado (Oliveira, 2004. p. 55).

O movimento indígena na perspectiva de (Oliveira, 2022) se executa na organização e articulação de indígenas de diferentes lugares do Brasil, com o objetivo de fazer acontecer forças políticas na disputa com o estado e grupos empresariais, para garantir espaços de vida e a competência de ter o controle sobre si e autonomia sobre a terra.

O território de Três Rios foi todo ocupado pelos indígenas que estão na posse dos espaços preenchidos por casas, escola, plantações; erva medicinais, roça, inhame, animais; vacas, galinhas e porcos. Além disso, em breve ressaltarei projetos de reflorestamento ambiental que vem se destacando pelo envolvimento de quase tosa as famílias e lideranças indígenas na aldeia Três Rios. As famílias desta aldeia estão no controle e poder deste território realizando todas essas diversas atividades agrícolas, pesqueiras e culturais, com a retomada é garantia da sobrevivência e de todos os elementos de preservação e proteção como afirma João Pacheco de Oliveira.

> Os indígenas, através de experiências bem distintas, ocorridas em lugares separados e em momentos distantes, foram delineando uma nova estratégia que pudesse minimamente garantir a sua sobrevivência material e cultural. São as "retomadas", ações em que famílias indígenas reocupam áreas onde podem realizar sua vida comunitária, ali estabelecendo suas moradias, plantando roçados e praticando sua vida ritual e religiosa. A decisão, operacionalização e os riscos envolvidos nessas iniciativas são exclusivamente dos indígenas (Oliveira, 2022. p. 27).

Além disso, me debruço também a partir dos estudos de Estêvão Palitot (2005) sobre os Potiguara de Baía da Traição e Monte- Mór, as pesquisas etnográficas sobre as retomadas de terra do povo Tapeba do Ceará (Tófoli, 2010), da etnia Tupinambá do estado da Bahia, Alarcon (2014) e as retomadas do povo Xukuru em Pernambuco (Oliveira, Neves e Fialho, 2022).

A retomada de terras indígenas é um processo conflituoso que envolve indígena e não indígenas (consequência ainda da colonização) pela disputa de terra. Esta luta para nós indígenas não se resume apenas pela posse da terra, mas é garantia de dias melhores, autonomia, revitalização pelos conhecimentos tradicionais, respeito e preservação pelos elementos da natureza que sustentam a nossa existência (Amado e Amanajás, 2021). Então a retomada é autonomia para governar a terra, permitir o uso de seus recursos, além de assegurar elementos de sobrevivência de plantar, colher e realizar atividades que gerem renda econômica local sustentável de acordo com a perspectiva indígena. A retomada me faz pensar que os povos indígenas estão em constante movimento de mobilização, enfrentando pressão política e abrindo caminhos para ocupação de espaços para além da terra. A terra é à base de todo nosso conhecimento. É uma forma de continuar nossa identidade. De acordo com Alarcon (2014), a retomada se define em aspectos de ação e reação elaborada por determinado povo indígena. É uma mobilização política específica de cada povo para elaborar métodos para a conquista da terra. No caso da aldeia Três Rios, a retomada se destaca pela proporção

de, no primeiro momento, a apreensão de veículos da usina, gerando o conflito aberto e envolvimento de todos, movido pelo medo e incertezas, durante mais ou menos uns seis meses. Segue o segundo momento na sequência da primeira, de ocupar a terra seguida na construção das casas, ampliação dos roçados, dando forma à aldeia e firmando a ocupação. Atualmente segue nesta dimensão de recuperação pela terra, resultando no processo de recuperação ambiental, como continuidade da retomada conduzida por uma nova geração.

O TRABALHO DE CAMPO

Trata-se de uma pesquisa etnográfica em aldeia indígena de retomada, especificamente na aldeia Três Rios, está aldeia e a aldeia Jaraguá não são semelhantes às outras, iniciando pelo contexto histórico dentro das Terras Indígena Potiguara, pelo fato de que passou por um processo de retomada e resistência para se manterem na terra. Estão localizadas na Terra Indígena de Monte-Mor, é a única Terra Potiguara que ainda não estava homologada quando iniciei as minhas idas a campo.

Levando em consideração esse contexto político, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar etnograficamente a organização social atual da aldeia Três Rios, focando na atuação das mulheres no processo de retomada, a situação territorial atual da aldeia e as ações de recuperação ambiental do território. E como objetivo específico, registrar as memórias sobre o processo de retomada, descrever e analisar a organização social da aldeia com ênfase no papel das mulheres ressaltando sua devida voz que por muitas vezes não são inscritas nas pesquisas, descrever e analisar as formas de ocupação indígena na área retomada (habitação e atividades produtivas) e identificar as estratégias de recuperação ambiental implementadas na aldeia.

Não conhecia os espaços físicos desta aldeia, apenas sabia que o campo de futebol já existia antes da retomada pelos trabalhos realizados de pesquisadores que ressaltarei nesta dissertação. De acordo com Santos (2024) a capela de Nossa Senhora de Guadalupe construída pela comunidade, na rua principal, é a padroeira da aldeia e comemora-se no dia 12 de dezembro. A Praça Hercília Vicência da Silva[8], construída pela prefeitura de Marcação em 2020, fica próxima à capela, criando um espaço de sociabilidade na comunidade. Perto dali,

[8] Hercília Vicência da Silva foi à mãe de dona Maria do Porco. Sua mãe se destacou pela sua atuação na retomada e por ter vivido em Três Rios décadas atrás, antes da expulsão definitiva dos moradores indígenas. Por isso recebeu essa homenagem.

está o posto de saúde indígena Jurandir Alves Barbosa[9] fundamental para o cuidado à saúde dos indígenas local. Próximo ao posto está à escola Indígena de Ensino Fundamental e Médio Índio Pedro Máximo de Lima[10], é cenário que apresentam como a aldeia conta com diferentes espaços, estruturas que sustentam o bem estarem, a educação e a manutenção da cultura da comunidade.

Minha entrada à campo foi acessando vários canais, destaco: o Projeto Curica[11] e o Projeto Anama[12]. Ambos foram oportunidades ricas em aprendizado para conhecer o contexto histórico da TI Potiguara de Monte-Mór e lideranças indígenas Potiguara que são atuantes na linha de frente da causa indígena. Além destas pontes de acesso ao campo destaco uma parenta que reencontrei no início da pesquisa, a parenta Ângela[13], ela reside na aldeia Três Rios. Apresentou-me os espaços da aldeia, ruas, casas, posto de saúde, igreja, praça e pequenos estabelecimentos comerciais; restaurantes, bares e mercadinhos. São locais onde as famílias circulam e realizam eventos neste interior do território, a aldeia apresenta estes espaços de sociabilidade que fortalecem os vínculos familiares.

Os pedidos de alguns interlocutores não puderam em todos os momentos gravar as falas, fotografar e até utilizar o caderno de campo por motivos de timidez e não se sentiam à vontade em poder se expressar diante destes instrumentos. Atentei sempre no meu esforço em focar na minha memória, observar gestos e falas dos interlocutores para captar as informações e ao chegar em casa me reservava para escrever o que havia coletado de conhecimento.

Grande parte dos interlocutores autorizaram suas vozes e fotos, justamente por esta metodologia que manejei o processo da pesquisa, organizando os relatos em caderno de campo como instrumento e técnicas de pesquisa a partir dos estudos segundo Rocha e Eckert (2005), a importância da escrita das idas à campo, apresento fotos como registro dos lugares e pessoas nas atividades após autorização das mesmas.

A pesquisa se realizou através da vivência com os interlocutores, acompanhando as famílias em suas atividades, participando de eventos e tarefas domésticas que eles exercem, reforçando a ideia aplicada por Brandão (2007) de ir à campo construir uma relação de

[9] Jurandi foi uma das principais lideranças na época da retomada, estando presente em todas as ações da luta pela terra. Faleceu de uma doença infectocontagiosa ainda no processo da luta e foi homenageado com o nome no posto de saúde.
[10] Seu Pedro Máximo foi o primeiro indígena a construir uma casa de taipa na área da retomada próxima ao campo de futebol, saindo da fase de acampamento para a de moradias fixas. Faleceu no ano de 2006 de um câncer. Seu pioneirismo na luta foi homenageado dando nome a escola da aldeia.
[11] Projeto Curica de reflorestamento na aldeia Três Rios que apresento no terceiro capítulo.
[12] É um projeto de extensão na UFPB, atua para fortalecimento da identidade étnica do Povo Potiguara solicitado pelos próprios Potiguara em qualificar novas lideranças desta etnia.
[13] Apresentarei no segundo capítulo.

vivência com as pessoas, grupos e a partir dessa dinâmica foi possível estabelecer uma rede de confiança entre o pesquisador e interlocutores se tornando seguros para que a pesquisa se desenvolvesse.

O que me surpreendia em campo, por mais que pertencesse ao mesmo povo, era de não conhecer a história da TI Potiguara de Monte-Mór de luta e resistência de algumas famílias que estiveram à frente da retomada. Pelo fato de nascer e crescer na aldeia Laranjeira, localizada na TI Potiguara, onde as famílias estão por posse da terra há anos e não sofreram ataques e conflitos pela terra como os parentes da TI Potiguara de Monte-Mór. Limitava-me o acesso a essas informações por considerar que todas TI Potiguara tinham histórias semelhantes, mesmo cada aldeia apresentando suas especificidades em relação à organização social, articulação política e contexto histórico. No decorrer da pesquisa fui me conscientizando que cada terra Potiguara apresenta realidades diferentes umas das outras.

A condição de ser indígena pesquisadora me deu livre acesso aos parentes da aldeia Três Rios, mas os mesmos me questionavam se eu conhecia alguns indígenas da minha aldeia Laranjeira que eles têm relação de parentesco. Os questionamentos dos interlocutores me fizeram pensar que a todo o momento eles me observavam também de acordo com as informações que passavam sobre a minha aldeia Laranjeira. E isso foi positivo em construir a relação de confiança e aprofundamento das conversas em cada encontro que ia. Na maioria das vezes eu era vista como a menina de Laranjeira, por outras vezes era a antropóloga de Laranjeira. Além disso, por não ter parentes consanguíneos na aldeia Três Rios meu posicionamento em campo foi visto como "mais neutro" e assim pude estabelecer uma relação de confiança mais horizontal e diversificada, pois eles e elas se sentiam à vontade em relatar suas histórias, por saber que eu não pertencia a nenhuma família da aldeia.

A aldeia Três Rios já é bastante visitada por pesquisadores desde a época da luta da terra, quando houve a retomada do intenso apoio de professores e estudantes da UFPB. A pesquisa de Três Rios é vista de uma maneira instrumental e com potencial de garantir direitos aos indígenas. Minha posição liminar como parente de outra aldeia e pesquisadora da mesma UFPB, com quem eles interagem, permitia o transito mais livre com as pessoas e com os temas. Também contribuiu o fato do meu orientador já ter pesquisado em Três Rios e de ter me apresentado algumas pessoas. (Palitot, 2005 e 2015).

Minha aldeia Laranjeira se assemelha com a aldeia Três Rios pelos seguintes aspectos de trabalhos informais e formais que são exercidos pelas famílias; atividade agrícola, manicure, cabeleireira e servidores públicos. Mas ressalto que se diferencia pelo fato de as

famílias de minha aldeia exercer qualquer tipo de atividade agrícola, ressaltando os motivos desta diferença adiante.

Esta pesquisa não é uma autoetnografia, embora provoque incômodo e reflexões profunda a respeito de mim mesma e do meu lugar como intelectual Potiguara. Não pretendo neste trabalho direcionar o texto para uma autoetnografia.

Minha dissertação se organiza em três capítulos. No primeiro capítulo ressalto o aporte teórico junto ao contexto histórico sobre a retomada da aldeia Três Rios, como ponto de partida desta pesquisa de como foi o processo de retomada na entrevista, com anciões e lideranças indígenas na luta contínua pela homologação da TI de Monte-Mór. Destaco o Pajé Josecy, Dona Zita e Lena. No segundo capítulo destaco a atuação das mulheres na retomada e a organização social das mesmas. Apresento Sú, foi umas das interlocutoras principais para acessar as demais interlocutoras. Dona Maria do Porco é sogra e prima de Sú, Seu Bebé é irmão de Dona Zita e esposo de Dona Maria do Porco, Bianca é filha de ambos e Dona Ném, que é a mãe de Sú. No terceiro capítulo apresento a situação atual da terra e estratégias de recuperação ambiental implementadas na aldeia, por se tratar de uma aldeia que antes era ocupada por canaviais, ressalto o Projeto Curica e o Projeto Juriti.

1 PROCESSO HISTÓRICO DA RETOMADA NA ALDEIA TRÊS RIOS

A aldeia Três Rios se caracteriza por ser uma área de retomada, na qual as famílias indígenas tiveram que enfrentar um processo de luta política e judicial pela recuperação do controle territorial. Esse conflito foi contra as usinas Japungu e Miriri no contexto da demarcação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór (Palitot, 2005; Marques, 2009; Costa, 2014). Atualmente na aldeia Três Rios residem 1078 indígenas segundo dados do Sesai[14]. A aldeia fez, no ano de 2025, vinte e dois anos de retomada. As famílias indígenas, de forma autônoma, reiniciaram os conflitos com as usinas. Esta pesquisa comprova a resistência das famílias na luta pela garantia de seus direitos territoriais, que são essenciais à manutenção da cultura e a sobrevivência da população indígena Potiguara. Apresento falas de anciões e lideranças indígenas sobre este conflito que vivenciaram essa experiência de luta e resistência pela terra e continuam enfrentando desafios para garantirem que seus direitos sejam respeitados.

1.1 MARCAÇÃO E A ALDEIA TRÊS RIOS

A aldeia Três Rios pertence ao município de Marcação, conforme apresentado anteriormente. Marcação é uma cidade considerada recente, tornou-se município por emancipação de Rio Tinto no ano de 1994. Atualmente segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população total chega a 8.999 habitantes entre os quais o povo Potiguara é maioria absoluta no total de 7.325 pessoas, ou seja, 81,40% dos habitantes[15]. Isso faz Marcação estar entre os municípios com maior percentual de população indígena no Brasil. Atualmente (2025) a prefeita e todos os vereadores de Marcação são indígenas Potiguara.

Marcação possui 15 aldeias: Caieira, Vau, Camurupim, Coqueirinho, Tramataia, Brejinho, Carneira, Jacaré de César, Estiva Velha, Grupiúna, Jacaré de São Domingos, Grupiúna dos Cândidos, Lagoa Grande, Ybykuára e Três Rios. As dez primeiras estão na TI Potiguara. Jacaré de São Domingos e Grupiúna dos Cândidos na TI Jacaré de São Domingos e as três últimas na TI Potiguara de Monte-Mór. Além disso, o manguezal que está localizado

[14] Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/sesai_pop_indigena/sesai_pop_indigena.html Acesso em: 30 de maio de 2025.
[15] Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/marcacao.html Acesso em: 30 de maio de 2025.

nas aldeias; Três Rios e Jaraguá, é parte da APA - Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape[16].

Antes de se tornar cidade, Marcação foi ponto de encontro de comércio, as famílias indígenas que residem lá e nas proximidades se encontram para negociar os crustáceos e peixes. A circulação econômica local já estava presente entre os grupos domésticos como forma de captar recursos para permanecer no território.

De acordo com os estudos sobre o povo Potiguara a área do município de Marcação sofreu um processo de divisão e invasão territorial nos séculos passados. As aldeias dentro da Sesmaria de Monte-Mór foram divididas em lotes pelo engenheiro Antônio Gonçalves da Justa Araújo. De acordo com Palitot (2022), o engenheiro chegou à Sesmaria e encontrou os indígenas as margens do rio Jacaré e Grupiuna e os lugares do Arrepia, Catolé, Encantada, Taboleirinho, Marcação e Brejinho. Ele estava a serviço do Ministério da Agricultura nos anos de 1867/68. O mesmo realizou demarcação das terras da Sesmaria dos indígenas de Monte-Mor (Palitot, 2022)

> Na Paraíba, o marco desse processo é a demarcação das terras dos índios na década de 1860, pelo engenheiro Antônio Gonçalves da Justa Araújo. Este engenheiro é o ator social responsável pela regularização da ocupação fundiária nos antigos aldeamentos de Alhandra (Aratagui), Conde (Jacoca), Monte-Mór (Preguiça), Baía da Traição e Pilar. Era da competência de Justa Araújo não só a demarcação das antigas sesmarias e a distribuição de lotes entre os índios casados, mas também a avaliação e regularização das posses de particulares e dos arrendamentos porventura existentes nelas. Trabalho que ele realizou entre os anos de 1864 e 1871 (PALITOT, 2013.p. 02).

Depois boa parte desses lotes foram tomados pelos Lundgren[17] quando construíram a fábrica de tecidos de Rio Tinto. A fábrica faliu no ano de 1991, foi momento em que as usinas passaram a tomar conta dessas terras plantando cana-de-açúcar e pressionando as famílias indígenas, que reagiram (Marques, 2009; Vieira, 2010; Palitot e Yogi, 2022).

O processo de demarcação das terras Potiguara foi movido por diversos conflitos e marcou o início de mobilização indígena, organizadas em assembleias, participação de pesquisadores, instituições (universidades e ONGs) e políticas públicas que perpassam décadas e gerações. Este processo de demarcação foi oportunidade para os Potiguara

[16] Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/apa-da-barra-do-rio-mamanguape Acesso em: 30 de maio de 2025.
[17] Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2022/04/30/entenda-como-uma-familia-sueca-fundadora-das-pernambucanas-era-dona-de-quase-toda-uma-cidade-da-paraiba.ghtml. Acesso em: 30 de maio de 2025.

buscarem outros espaços e adquirir conhecimentos ao longo de décadas. Através da pressão pelo conflito de terras gerou a necessidade de apresentarem suas defesas, reivindicações e estratégias feitas por eles mesmos. E para que isso acontecesse, muitos líderes indígenas saíram de sua casa, deixando famílias, arriscando sua vida, para preparar o caminho onde muitos hoje ocupam posições extremamente importantes em luta pela defesa de sua existência, mesmo ainda correndo riscos.

A tabela a seguir mostra a cronologia das lutas de demarcação do povo Potiguara:

Tabela 02 - Cronologia das demarcações de terras do Povo Potiguara

EVENTO	**DATA**
Processo de autodemarcação da T I Potiguara (São Miguel da Baía da Traição).	1978-1982
Conflito dos agricultores de Jaraguá com a usina.	1982
Conflito em Lagoa Grande em Marcação. Morte do técnico agropecuária Rio Vermelho. Intervenção do Exército e demarcação da TI Potiguara, excluindo as aldeias da antiga Sesmaria de Monte-Mor. Jacaré de São Domingos, Grupiuna de Cima, Lagoa Grande, Marcação, Vila Monte-Mor e Jaraguá.	1983-1984
Conflito em Jacaré de São Domingos, mobilização de famílias de Jaraguá.	1985-1986
Demarcação de Jacaré de São Domingos contemplando apenas duas aldeias, Jacaré de São Domingos e Grupiúna de Cima.	1988-1992
1º Carta pedindo demarcação das aldeias Jaraguá, Monte-Mor e Marcação.[18]	1993
1º Estudo da TI Potiguara de Monte-Mór pela Funai. GT coordenado por Fátima Brito.	1996
Anulação do 1º estudo pelo Ministro Renan Calheiros.	1999
2º Estudo da TI Potiguara de Monte-Mór Funai. GT	2000 à 2004

[18] Relatórios foram enviados solicitando a regularização da TI Monte-Mor Presidência da República. Disponível em: https://www.ufpb.br/portalpotiguara/index/ Acesso em: 30 de maio de 2025.

Coordenado por Sidnei Peres.	
Retomada nas aldeias Três Rios e Jaraguá. Também no riacho do Arrepia[19]	04 de agosto de 2003
Primeira ocupação da FUNAI em João Pessoa e Publicação da Identificação da TI Potiguara de Monte-Mór	Maio de 2004
Retomada na aldeia Monte-Mór	2006
Segunda ocupação da Funai em João Pessoa e publicação da Portaria Declaratória da TI Potiguara de Monte-Mór.	2007
Demarcação Física da TI Potiguara de Monte-Mór.	2009
Processo Judicial da Usina Miriri contestando a demarcação.	2009
Perícia Judicial sobre a demarcação da TI Potiguara de Monte-Mór	2015
Sentença na Justiça Federal favorável à demarcação. Recurso da Usina ao Tribunal Regional Federal em Recife (Processo ainda não foi finalizado).	2017
Homologação da TI Potiguara de Monte-Mór pela Presidência da República.	04 de dezembro de 2024

Fonte: "Potiguara - Povos Indígenas no Brasil"[20] (Brito, 1996; Palitot, 2017; Palitot e Yogi, 2022)

A luta pela terra tem sido longa. Observa-se o aumento da população indígena e a necessidade de garantir espaços para continuar as atividades de gerar renda econômica local.

> Paralelamente, pequenas retomadas de terra já vinha realizadas pelos índios, ganhando impulso com os resultados do segundo GT de identificação. Ainda em 2000, os índios de Marcação haviam ocupado uma pequena faixa ao lado da estrada que margeia a cidade e vinha expandindo seus roçados ano a ano (PALITOT, 2005, p.136).

[19] O Arrepia sempre foi mesmo lugar, foi aldeia e sempre teve esse nome. A usina que botou o nome de fazenda Rafaela, mas os indígenas sempre conheceram por Arrepia. Era uma aldeia com 22 famílias, grande para o padrão do século XIX. A família do pai de Lena é originaria do Arrepia. O Riacho Arrepia que cai no Rio Vermelho e forma o Rio do Gelo em Rio Tinto. Metade tá em Jacaré de São Domingos e metade em Monte-Mor. Palitot, Estêvão. Comunicação Pessoal. 2024. Em agosto de 2003 duas ocupações simultâneas foram realizadas pelos índios da Vila Monte-Mor e de Marcação: uma parte da fazenda Rafaela, de propriedade da Usina Miriri e dois talhões de cana na fazenda Rio Claro de propriedade da Usina Japungu. A fazenda Rafaela fica às margens do riacho Arrepia, antiga aldeia de Índios, expulsos pelos Lundgren no começo do século XX. Já os talhões da fazenda Rio Claro ficam de frente a cidade de Marcação e são contíguas as áreas retomadas em 2000 (Palitot, 2005. p.137).

[20] Disponível: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Potiguara Acessado em: 20 de junho de 2025.

Antes da retomada o território indígena de Monte-Mór foi ocupado por canaviais, o desmatamento causado pelos usineiros ocasionou danos na terra. De acordo com Araújo, o povo Potiguara não sofreu sozinho, a terra também foi uma das mais prejudicadas com a implantação dos canaviais, toda vegetação ecológica foi comprometida e ainda carrega grandes consequências.

> A luta pela regularização fundiária e a elaboração de uma nova identidade entre os Potiguara se dá em meio a um campo social carregado de conflitos e que passa por rápidas mudanças nos esquemas de controle dos recursos naturais. As terras reivindicadas são espaços tanto físicos quanto geográficos, assumindo um lugar central para os indígenas. No entanto, é preciso destacar que as condições ecológicas da área em conflito tiveram uma crescente transformação, em razão do intenso desmatamento, o que ocasionou a modificação da paisagem, o que antes era mata, hoje cede lugar a grandes extensões de canaviais, resultado dos empreendimentos dos Usineiros (ARAÚJO, 2017. p. 29).

Hoje a aldeia Três Rios apresenta todos os espaços ocupados pelos indígenas, observo que é uma das aldeias diferenciada das demais iniciando pelo contexto histórico conforme já foi apresentado, é uma população indígena que vem reocupando os espaços da aldeia desenvolvendo as diversas estratégias de renda econômica local, desenvolvendo meios de vida através de pequenos comércios de crustáceos, restaurante, mercadinhos, padaria, cartório que está situada ao lado da estrada (PB-041) na aldeia Três Rios, além disso, a aldeia tem casa de farinha, escola no interior da aldeia, o mangue e os roçados. Pude estar presente em uma das comemorações referente ao aniversario de retomada, estavam presentes lideranças Potiguara, estudantes indígenas e não indígenas, a população de Três Rios e regiões. Foi um dos momentos de celebração e fortalecimento étnico, então a reorganização social se apresenta de forma sólida e adequada às necessidades das famílias a partir destes cenários que elas ocupam.

Figura 05 – Aniversário da retomada da Aldeia Três Rios



Fonte: Acervo pessoal

Além disso, ocupa uma área de aproximadamente 1000 hectares destinados à construção de casas, agricultura familiar e preservação ambiental das áreas de manguezal. O território da aldeia encontra-se também dentro Área de Proteção Ambiental da Barra do Rio Mamanguape[21] e da Área de Relevante Interesse Ecológico Manguezais da Foz do Rio Mamanguape[22], conforme apresento na foto a seguir.

Figura 06 - Imagem de Satélite do manguezal do rio Mamanguape



Fonte: Google Earth

Ao longo desta pesquisa, ressalto trechos com relatos de mulheres Potiguaras que saíam de Marcação junto com suas famílias, para exercer a atividade agrícola em aldeias próximas, ocasionado pela falta de terra antes da retomada. Segundo Palitot e Yogi (2022) as retomadas de terras na aldeia Três Rios tiveram causa na falta de terras para plantio.

[21] Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/apa-da-barra-do-rio-mamanguape Acesso em: 19 de agosto de 2022.
[22] Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/arie-manguezais-da-foz-do-rio-mamanguape Acesso em: 19 de agosto de 2022.

> Constrangimentos e conflitos tornaram-se constantes no período em que as plantações de cana passaram a dominar os espaços disponíveis. Relatos dão conta de restrições referentes ao plantio, à coleta, ao corte de lenha, ao acesso ao mangue e até mesmo a jogos de futebol. O campo de futebol localizado entre Marcação e Três Rios constituía-se numa "ilha" em meio aos canaviais, e os indígenas relatam que, nos domingos à tarde, durante as partidas, quatro vigias armados postavam-se nos cantos do campo para impedir que qualquer pessoa arrancasse uma cana para chupar (Palitot e Yogi, 2022, p. 381-382).

Os dois autores mencionam ainda a importância da reorganização social das famílias na retomada da aldeia.

> O modo de ocupação das retomadas busca reproduzir as condições ideais de espacialização e funcionamento dos grupos domésticos indígenas, com quintais amplos e casas de parentes próximos cooperando entre si. Para esse fim, as lideranças de Três Rios estabeleceram um padrão de divisão de terrenos para as famílias, de modo a garantir espaço suficiente para a constituição dos quintais e a construção de novas casas dentro deles. Contudo, dada a proximidade com a cidade e a exiguidade inicial de áreas disponíveis, o padrão espacial da aldeia foi adaptado às condições possíveis, e a distribuição das casas e unidades domésticas seguiu um desenho ortogonal em forma de ruas. O formato de arruado em Três Rios repete as condições das demais aldeias da TI Potiguara de Monte-Mór que vivenciaram restrições territoriais recentes (Palitot e Yogi, 2022, p. 384).

A seguir apresento lideranças e mulheres que atuaram e atuam em diferentes espaços exercendo atividades diversificadas dentro e fora da aldeia, mas cooperando entre si para o funcionamento da reprodução de continuidade dos grupos domésticos que compõem a aldeia Três Rios. Na foto a seguir apresento antes da retomada a cidade de Marcação, o campo de futebol e o espaço de cana de açúcar, após a aldeia Três Rios atualmente está preenchida por casas, quintais e plantas frutíferas.

Figura 07 - Marcação nos anos 1990, antes da retomada de Três Rios



Fonte: Atlas do Estado da Paraíba, 2002. Foto retirada da dissertação de Amanda Marques (2009)

Figura 08 - Aldeia Três Rios, casas, quintais e roçados. 2024. Pontos Importantes da aldeia: Primeira Retomada; Campo de Futebol; Escola Indígena (Retomada de 2003); Projeto Curica



Fonte: Google Earth

1.2 PAJÉ JOSECY

Neste primeiro momento apresento Josecy conhecido por Cy, tem 69 anos, é detentor dos costumes tradicionais e militante da causa indígena. Atuou na retomada da aldeia Três Rios, foi vice-cacique junto com o cacique Bel. Sua trajetória, passando de vice-cacique para atual Pajé, foi nomeada pelo Cacique Geral Sandro Gomes e a comunidade.

Meu primeiro contato com ele foi ao dia 10 de janeiro de 2024 na Assembleia Geral do Povo Indígena Potiguara da Paraíba, o evento aconteceu na aldeia Brejinho, município de Marcação. Reuniram-se caciques, lideranças indígenas e Josecy esteve presente. Aproximei-me dele no final do evento, falei rapidamente sobre a pesquisa que realizaria na aldeia Três Rios e solicitei sua devida autorização. Apresentei brevemente a pesquisa que pretendo realizar na aldeia Três Rios e solicitei a devida autorização. Essa autorização é fundamental para que a liderança indígena esteja ciente de que desenvolvo uma pesquisa na aldeia Três Rios, e porque é a principal autoridade indígena residente em Três Rios hoje. Já que a aldeia está sem cacique. Ele de imediato autorizou e aproveitei o momento marcando a primeira

entrevista que foi realizada no dia 12 de janeiro de 2024, no Posto de Saúde Indígena Jurandir Alves Barbosa na aldeia Três Rios. Procurei Josecy porque ele foi vice-cacique de Três Rios na época da retomada, depois foi cacique da mesma aldeia e agora é o pajé do povo Potiguara. Josecy havia me dito que se não estivesse na sua casa estaria no posto de saúde.

Ao chegar à sua residência por volta das oito horas da manhã ele não estava, mas deixou recado com a esposa e a filha que estaria a minha espera no local combinado. Ele é AISAN (Agente Indígena de Saneamento Básico) e sempre fica neste local para receber as ocorrências relacionadas ao abastecimento da água na aldeia. Dirigi-me ao posto de saúde junto com sua esposa que iria ao dentista, pois neste dia havia atendimento com a equipe de saúde indígena na aldeia. Ao chegar Josecy já me esperava, ele pegou duas cadeiras e fomos para debaixo de um pé de mangueira ao lado do Posto de Saúde. Antes de iniciarmos a conversa ele colocou o cocar, acendeu o cachimbo e entoou o cântico do ritual para pedir forças aos Encantados e a boa condução deste trabalho. Após essa performance dele simbolizando sua presença na condição de Pajé e reafirmando etnicamente ser Potiguara ao me receber, também fortaleceu nosso diálogo em seguida. Expliquei novamente o projeto de pesquisa, os objetivos do estudo que se realizaria na aldeia Três Rios e em seguida ele autorizou por escrito o Termo de Consentimento sobre Procedimento de Pesquisa.

Figura 09 - Pajé Josecy na oca do Projeto Curica



Foto: Acervo pessoal

Iniciamos a conversa de como foi a retomada na aldeia Três Rios ocorrida no dia 04 de agosto de 2003. Ele ressaltou momentos dos vinte anos de retomada, frisando cenários e algumas pessoas de representatividade que fazem parte do contexto de luta nos conflitos territoriais. Apontou os desafios de resistir aos ataques da usina, que impedia as famílias indígenas de exercer as suas atividades agrícolas e as ameaças pela retomada da terra.

> O conhecimento que tive da retomada foi quando a gente entrou aqui através da Funai, Capitão, Caboquinho, Chico Urubu, Seu Tonhô. Que veio aqui pra gente começar a fazer as picadas. Comecemo ali de Brejinho, aqui é a divisa com Jacaré de São Domingo, Grupiuna de Cima. E dali nós viemos pra aqui fazer de Três Rios, onde nós estamo aqui onde tudo era cana. O único canto que não tinha cana era o aí no campo de futebol, mas o lateral dele era coberto de cana. E a gente tava ficando sem espaço pra trabalhar, como filho natural de Marcação nós tava sem espaço pra trabalhar, pra plantar nossas lavouras. Essa aqui já é retomada de vinte anos, mas ali onde moro já tem mais anos, por que foi ali onde passou a dificuldade que a gente plantava e o avião da usina destruía jogando agrotóxico na lavoura, no feijão, no milho. E aquilo ali como eu morava aqui na rua, eu ficava muito preocupado. Por que preocupado? Que tava lutando e a gente não tava vendo o avanço que a gente queria, não tava tendo porque a usina destruía tudo de novo, a gente começava do zero e terminava no zero. Também cada vez que o povo da usina destruía, dava aquela coragem na minha pessoa de dizer ao nosso parente que não baixasse a cabeça. Hoje você tá com esse quadrozinho que nós tamo aqui plantado de lavoura e era destruído, de você diminuir, deixar. Mandava aumentar, aumente! E foi assim que a gente vai… e fomos e fomos fazendo esse trabalho e a usina destruindo. E a gente hoje pra não levar a nossa palestra longa, nós tivemo aqui embaixo e um pegava esse aqui e plantemo, nós juntava todo mundo, mulher, menino ia tudo plantar. Na retomada tivemo apoio das caranguejeira do Forte e agradeço muito a elas. E nós fiquemos até hoje. Hoje aqui é coberto de sítio, de casa, tudo nós temo através da nossa luta, através do Ministério Público dando apoio, Funai que não podemos deixar de lado, o CIMI e mai o nosso povo que vive na luta e defesa dos nossos territórios, tive apoio também do cacique de Pesqueira, Marquinho Xucuru (Josecy, 12/01/2024).

A retomada durou noventa dias e mobilizou famílias indígenas de outras aldeias, órgãos e pesquisadores. Josecy foi por muitos anos vice-cacique de sua aldeia Três Rios, mas foi e continua muito atuante em todas as questões de conflitos e demandas referente a sua aldeia e no Movimento Indígena Potiguara como um todo, recentemente foi nomeado Pajé pelo cacique geral de acordo com seu relato sobre a retomada no dia 4 de agosto de 2003.

> [...] eu não tava nesse dia (04/08/2003) aqui, tava lá embaixo em Brejinho. Tinha levado um trabalhador e quando comecei nós não tinha brocado um

> pedacinho como daqui pra li, não. Eu mandei suspender o serviço do menino que os carros já tava preso aqui. E Capitão e Caboquinho mandou me chamar, eu disse - E o povo? o Menino- - Está lá! e os carros tá preso. e eu disse- Que bom! Aí eu peguei e disse- Bora! ninguém vai brocar mato não. Se preocupe não que teu dia te pago! E vinhemo simbora. O menino disse - Vamo no cavalo! eu disse - Não! Vá que eu chego já, peguei minha foice e a espingarda e vim. cheguei em casa e deixei a espingarda e trouxe a foice, na retomada tem que tá armado. Quando cheguei bem aqui, aqui mesmo de frente encontrei o motorista e mais outro. não tive medo não, meti a foice no cara. Aí o cara que vinha disse - Não Cy! não faça isso não! Aí eu passei, cheguei lá no carro e o carro tava todo coberto de palha de cana, de tudo pra botarem fogo. E eu arrudiei e digo - Por que ainda não botaram fogo? Os homi - Não Cy, não Cy. Eu disse - tem que botar fogo pra eles respeitarem o nosso trabalho, eles querem respeito e não tem respeito e a terra é nossa! Aí fiquemos, fiquemos e haja vim mais gente lá em baixo. Passei noventa dias! Eu acho que na minha casa fui umas dez vezes a noite e de dia, ia e voltava. Tudo era comigo, tinha o cacique Bel, mas tudo passava por mim e eu era vice cacique. Mas tudo, tudo. Até da Funai vinha e procura Cy. E quem determinava o sim ou não era eu. Então hoje tamo aqui! Com essa mini cidade posso dizer assim, hoje tudo que nós temos aqui foi através da nossa luta e nós não paremos de lutar... (Josecy,12/01/2024).

Josecy me indicou uma anciã que participou também da retomada e ao sair do local que estávamos conversando ele pediu para a moça que trabalha no posto indígena ir comigo até a casa da Dona Maria. Ao chegar lá, a moça falou que a pedido de Josecy, Dona Maria relatasse sua experiência de como foi a retomada. Apresentei-me rapidamente e ela me convidou para sentar no banco debaixo de uma árvore ao lado de sua casa.

> Mai minha fia foi rojão pra gente tomar essas terras aqui, a gente corria e a gente voltava. Tinha dia que a gente fazia cada tacho de comer pro povo, era muita gente nera pouco não, era muito índio. Uns dormiam lá no relento, nas barraca mesmo (risos) e assim fomo levando. Aí eu sei que nesse tempo eu comecei a plantar meus negócio, comecei plantar meu sítio, isso aqui tudo é meu! Aí eu sei que Bel dizia; Vamos lutar! Eu digo; Bel não podendo mais não! Minha fia, o que conto daqui é assim. Aí meus meninos diziam: Mãe sai dessa luta! Saia dessa luta. E digo; meu fi somo índio e tem que lutar pela terra da gente, e se a gente não lutar? Os usineiros é que vai tomar conta. Aí eu sei que fiquei minha fia dentro dessa luta. Aí tinha um pé de sapucaia que os índio dançavam toré. Foram e botaram fogo e acabaram com a pobe da sapucaia. A gente ia pro ritual lá, era uma sapucaia muito bonita. aí disseram que foi um homem pra lá tirar essa abelha e tocou fogo nesse bicho e vou até perguntar ao meu menino se ficou ainda uma galha em pé. A gente ia pra lá fazer o ritual, eu pra Brejinho, fui muito pra São Francisco dançar toré, (Dona Maria, 12/01/2024).

Percebe-se o retorno de famílias indígenas ao território, o aumento da reprodução social da aldeia e reorganização socioecológica desde a retomada. Além deste crescimento evidencia a necessidade de ações e políticas públicas para a comunidade. Mas pelo fato da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór que ainda não estava homologada ficavam

impossibilitados de acessar outros direitos essenciais garantidos por lei, como por exemplo, construir o poço de abastecimento de água potável. Mais um motivo para avançar na homologação.

> [...] Aos poucos as famílias foram retornando, por que pra gente ter uma retomada dessa e segurar nós tem que tá dentro! Não vou fazer retomada e morar na cidade. É que nem pra você construir plantação tudo e você deixando ela lá abandonada, é como se você não tá precisando. Porque qualquer pessoa pode chegar lá e destruí e você estando lá não...
> O posto de saúde foi a prefeitura que fez, o poço de água foi a prefeitura que fez. E não podia, mas a prefeitura como a cidade era perto, mas fez! O colégio foi através do nosso povo mesmo, através de doação. A irmã Gilvanete com o CIMI e as freiras e comunidade, hoje aqui estamos recebendo aí esse colégio novo do governo, néh! Mas te agora o nosso posto e o poço de água não foi feito nada! É como dizem quando corre atrás, que não pode porque a terra não tá homologada. Mas foi construído através da nossa luta, e hoje tá aí. Precisa ser construído mais poço, o que aí não abastece tudo. A água nossa chega até aqui nesses coqueiro pra cá e até aqui na frente um pouco nessa área aqui. Se desligar a bomba agora daqui a meia hora o povo fica ligando pra ver o que aconteceu e a gente tem que explicar o povo. E aqui a água é ligada direto 24 horas, só pára se queimar. E nós precisamos mais de dois poços. E a água de onde eu moro pra lá é da cidade. (Josecy,12/01/2024). **Entrevista realizada antes da homologação.**

Josecy foi vice-cacique na aldeia Três Rios junto com Bel na posição de cacique de 2001 a 2018. Juntos lutaram por melhorias para a população da aldeia mesmo antes da retomada, a luta se iniciou com a articulação política deles e demais lideranças de mobilização para retomar o território.

1.3 DONA ZITA

Além dos relatos do Pajé Josecy e a anciã Dona Maria, ressalto a voz de Dona Zita. Teve participação importante na retomada, a atuação dela se destaca pela sua militância em todo o processo de recuperação da terra e relatou momentos em que sofreu violência doméstica.

A conheci através do parente Fred Karakara[23], fomos na casa dela por volta das nove horas da manhã e seguimos no intuito de registrar sua voz, sua experiência de como foi a luta pela terra. Ao nos receber em sua residência, nos convidou para sentarmos no banco, no quintal de sua casa. Fred me apresentou para ela e explicou o motivo de estarmos em sua casa, ela aceitou nos relatar a experiência durante a retomada e sempre atenta com nossas questões.

[23] Apresento-o no terceiro capítulo.

De imediato iniciou sua fala demonstrando emoção ao relatar momentos difíceis que foi o processo de luta.

> Isso aqui é uma área indígena antes de nós, isso aqui já era Três Rios. Meus tios que é Pedro Cândio, Pedro Cândio que é irmão do meu avô. Já criou a família dele aqui embaixo, aqui na aldeia Três Rios. Agora eu mesma sou de Jacaré de São Domingos, mas me criei aqui em Marcação, e tenho 70 anos. Sofri muito, lutei muito, chorei muito, passei muita fome aqui dentro. Tiro de bala, deram muito tiro em nós aqui e de mulher só ficou eu. Comecei e estou aqui! (Dona Zita, 31/05/2024).

Dona Zita é rezadeira, continua exercendo o costume tradicional e nos apresentou diversas plantas medicinais no quintal de sua casa. Ela preencheu os espaços da residência com plantas frutíferas; coqueiros, jaqueiras, cajueiros e bananeiras. Ressalta momentos de como mulher, mãe e esposa reagiram em permanecer na terra em meio de tantas lutas desafiadoras e decisivas que modificou sua vida para além da conquista da terra. Por ser mulher em meio a atuação forte da presença masculina já causava desconforto a todos, isso muito antes da retomada. Em seu depoimento ela relata que sofreu violência doméstica e machismo durante o casamento.

> Primeiro eu estudei até a 5º série, fugi com ele, casei fugida, fui muito apressada pra sofrer, né? Casei com quatorze anos, achava que não podia viver sem ele. Ele me cortou, olha! Foi faca. Eu tava com sete mês de barriga da minha menina caçula. Aí ele falou que ia pra Gameleira e eu fiquei. Quando ele chegou, eu falei; Manoel! Olha essa barriga já tá bem grande e já vai nascer e cadê não tem nada pra arrumação?
> Ele falou; ah vai ganhar! Aí eu falei; nada! Vou dizer à mãe, viu?
> Eu tava assim com a menina aqui pra mamar, uma menina grande. Aí ele prac! (cortou o braço com a faca). A pessoa casada é ruim! A gente solteira não pensa nada. Com marido a gente tem de fazer, andar bem certinho, só fazer o que ele quer. A gente não pode sair fora de hora, a gente só sai quando falar com ele. E era assim que eu vivia!
> Aí eu me perguntava; Mai Meu Deus, Manoel é tão ruim. Mai eu acho que não posso viver sem ele não, senhor?
> Eu dizia, né? aí depois disso de repente soube viver! Rapidinho aprendi[24].

Dona Zita me falou sobre sua participação na retomada:

> Meus filhos ficavam em casa mesmo. Só ia eu e meu esposo, e meu marido cismou e não veio mais. E só brigava comigo pra não vir. Ele mora em Ybykuara onde era minha casa e minha filha mora. Cansei, sofri, chorei e fiquei sem meu marido que ele não veio e nem me deixava vir. Eu disse; eu vou! Eu não tô buscando nada de ninguém, eu tô buscando o que é meu. Ele

[24] Depoimento de Dona Zita em Maria caboca, vídeo documentário. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vgBXlzGzjxg&t=11s Acesso em: 27 de junho de 2025.

> ficou pra lá e eu fiquei pra cá. Tirei madeira mais os meninos na mata, trouxe no ombro eu e os meninos. Fizemos uma barraca e tô aqui até hoje (Dona Zita, 31/05/2024).

Figura 10 - Dona Zita



Fonte: @memóriaspotiguara

1.4 LENA

> "A época da retomada foram dias muito difíceis aqui pra gente. Porque era uma luta que era diária, assim. A gente não tinha tempo pra relaxar, pra descansar, por causa de ameaça da usina vir e retomar…" (Lena, 2005)[25].

É esposa do ex-cacique Bel, teve também atuação importante no processo de retomada. Hoje atua como técnica em enfermagem na equipe de saúde indígena de Três Rios pela Sesai. Ao chegar a sua residência ela estava registrando as atividades do trabalho em casa pelo fato do posto de saúde estar em reforma.

Comunicava-me com Lena via Whatsapp, avisava antes de ir a sua casa, mas nem sempre ela estava devido ao trabalho. Seguindo nas próximas visitas em sua residência e aos poucos Lena foi recordando momentos de como foi a retomada, ela teve atuação importante

[25] Vídeo Monte-Mór é Nossa Terra. Disponível em: https://youtu.be/MiFzyCKqsBc?feature=shared Acesso em: 27 de junho de 2025.

durante o conflito e relata as demais mulheres indígenas que estiveram também junto com ela. Além disso, ressalta uma das atividades realizadas na aldeia, a atividade agrícola como uma das principais fontes de sobrevivência no decorrer dos anos.

> [...] Tinha eu, Maria do Rosário. Maria do Rosário, ela não ficava. Ela ia e vinha, néh? Quem ficava mesmo era aqui, Jaraguá, a mulher de Aníbal, ela ficava. Depois ela passou a ir simbora também... Quando vinhemos morar aqui, começamos plantar roça, feijão. O inhame veio bem depois. Hoje estão diversificando muito a plantação, né? é inhame, melancia. Antes era só roça, feijão e o milho. E hoje as pessoas começaram a perceber que vender a mandioca é mais lucrativo do que fazer a farinha (Lena, 24/04/2024).

No momento o posto indígena de saúde da aldeia estava em reforma e os atendimentos estavam acontecendo na aldeia Ybykuara[26], município de Marcação. Antes da retomada, Lena e Bel residiam na cidade de Marcação. Em alguns momentos durante o processo de retomada, Lena precisou ficar na articulação local enquanto Bel na posição de cacique viajava para Brasília articular com as demais instituições, seus filhos ficavam sob os cuidados da mãe e ela seguia para o espaço da retomada.

> Ali ficava uma corrente, pra de noite não passar. E ficava no mínimo duas pessoas pra não deixar passar ninguém desconhecido, então pra lá ficava os toré e as pessoas conversando, ficava as pessoas conversando a noite toda. E reversava, mas com o passar do tempo já não tinha mais pessoas pra reversar. Aí acabava ficando as mesmas pessoas, mas isso passou muitos meses pra isso. Assim que os meninos prenderam carro da usina, os próprios indígenas foram arrancando o tronco da cana nesse momento aqui que foi para morar. Agora tem outros pra lá que foi pra depois. Aí pensou-se num terreno que fosse um tanto de largura e um tanto de tamanho pra cada pessoa, pra cada família pra todo mundo ficar com o mesmo tamanho (Lena, 24/04/2024).

Lena sofreu preconceitos machistas pelos próprios parentes por ficar na organização, comenta que se viu forçada a se posicionar na ausência de Bel. A luta e resistência não eram somente pela terra, mas pela sua atuação em liderar apenas pelo fato de ser mulher causou incômodo para um público específico em diminuir sua voz na situação desafiadora e decisiva. Em seguida, Lena me apresentou as notícias que circularam em jornais, ela guardou todos os jornais que noticiavam o conflito da retomada de Três Rios.

[26] Aldeia Nova Brasília que hoje é a aldeia Ybykuara.

Figura 11 - Recorte de Jornal de 04 de agosto de 2003



EM MARCAÇÃO / Confusão foi motivada pela destruição da lavoura

Índios apreendem veículos durante conflito por terra

LUCIANA OLIVEIRA
João Pessoa

Índios potiguaras do município de Marcação entraram em conflito ontem com funcionários da usina Japungu. Por volta das 6 horas, cerca de cem homens da usina destruíram 6 hectares de plantação de milho, feijão e mandioca da área de Monte Mor. Sem custa partida, aproximadamente 150 índios apreenderam e furaram os pneus de um caminhão, de uma camionete Saveiro e de um trator para que os funcionários parassem com o trabalho. A ocorrência foi pacífica, sem uso de armas. A usina Japungu começou a reintegração de posse da área de conflito no início passado. Por esse motivo, ontem iam iniciar o trabalho de plantio da cana-de-açúcar. [illegible] Monte Mor vivem cerca de 450 famílias de índios. Para eles a terra é reconhecidamente indígena, apesar da usina ter conseguido o domínio da posse.

Além disso, eles fizeram um acordo com os proprietários da usina, que não haveria conflito até o final do mês. "Já tínhamos combinado que eles não iam mexer na terra até vencer o prazo. Mas hoje [illegible] chegaram mais de cem homens com dois tratores arando a terra", disse o cacique geral do povo potiguara, Antônio Pessoa Gomes, o Caboclinho. Ontem, quando os índios apreenderam os carros, deram um prazo até às 11 horas para que a Justiça se manifestasse. Se não houvesse resposta eles iriam queimar os carros. O administrador da Funai, Petrônio Machado, comprometeu-se em intermediar o impasse na Procuradoria Geral da República.

"Fizemos um acordo com os proprietários da usina: nem tocamos fogo nos carros, nem eles chamaram a polícia", disse o cacique geral do povo potiguara. "Quando pedimos para os funcionários da usina saírem, eles foram pacificamente", acrescentou o cacique. Ele afirmou que para garantir que haveria disponibilidade da usina e da Justiça para resolver o caso, os pneus dos carros foram furados e foram cercados com palha.

PACÍFICOS - 150 índios furaram os pneus de um veículo, mas não usaram armas

Fonte: acervo pessoal da família de Lena e Bel

O contexto histórico destas terras indígenas Potiguara me faz notar e confirmar que todas as TI Potiguara foram e são alvo de interesses para não indígenas ao longo de décadas. As vozes dos interlocutores na aldeia Três Rios apresentados nas entrevistas comprovam a violência, de como foi vivenciar as situações de conflito, sofrerem ameaças e de terem seus direitos violados. Assim como estes interlocutores que fizeram e fazem história na comunidade, concordo em destacar algumas mulheres no próximo capítulo é essencial, elas seguem atuando e desempenhando funções, fortalecendo a aldeia Três Rios e o movimento indígena Potiguara.

2 AS MULHERES DE TRÊS RIOS

Neste segundo capítulo destaco as mulheres de Três Rios, o interesse se deu pelo fato de analisar minhas pesquisas anteriores e mostrarem a ausência da presença feminina, onde os homens aparecem mais. A maior parte das atividades é desenvolvida por elas, foco na atuação delas pelo fato de ainda serem invisibilizadas e silenciadas. A atuação das mulheres se revela a partir das atividades cotidianas à preservação da identidade cultural. Essas funções se definem como ponto central e fundamental para valorização, manutenção da cultura indígena Potiguara e protagonistas da luta pela terra. É a transmissão de conhecimento e estratégia de cuidado em todos os papéis que elas desempenham.

Ressalto suas vozes para que sejam ouvidas e respeitadas, neste primeiro momento me debruço sobre os estudos a partir dos vídeos documentários produzidos entre 2004 e 2006 pelo GT Indígena /SEAMPO-Setor de Estudos e Assessoria a Movimentos Populares da UFPB. O estudo foi produzido com mulheres indígenas Potiguara sobre a luta pela terra de Monte-Mor, apresenta depoimentos de história de vida, violência doméstica e luta pela sobrevivência. Monte- Mor é nossa terra[27] e Maria Caboca[28], estes vídeos documentários realçam a atuação da mulher indígena Potiguara, podemos observar nos vídeos como o recorte de gênero influenciou na produção das duas peças.

O primeiro documentário, Monte-Mór é nossa terra, tem uma predominância quase exclusiva de entrevistados homens e seu tema é a luta política pela demarcação e a retomada. A equipe de pesquisa e produção realizou um segundo vídeo quando focou nas mulheres, justamente Maria Caboca. Este segundo vídeo foi roteirizado e conduzido prioritariamente pelas pesquisadoras mulheres da equipe, na época as estudantes da UFPB: Mirna Nóbrega, Suelyta Alves, Eliene Nunes e Luiza Botelho.

No documentário Maria Caboca, é importante destacar a apresentação da história, cenários de onde tudo começou, de mulheres em situação de vulnerabilidade social, violência doméstica, poucas oportunidades de estudo e voz na aldeia Três Rios. Ressalto o depoimento delas, assim como Dona Zita apresentada no primeiro capítulo, são mulheres que se destacaram em todos os afazeres domésticos, políticos e guardiãs dos conhecimentos tradicionais. Além de Dona Zita e Lena, outras mulheres de Três Rios aparecem no filme

[27] Monte-Mór é nossa terra. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MiFzyCKqsBc. Acesso em: 08 de jun. de 2025.
[28] Maria Caboca. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vgBXlzGzjxg&t=11s. Acesso em: 08 de jun. de 2025.

como Cidinha, sobrinha do ex-cacique Bel e atualmente professora na escola indígena; Mariinha, esposa do ex-pajé Zé Máximo. São mulheres com sonhos, dificuldades, lutas e realizados, cujas histórias de vida se mesclam à retomada da terra.

A luta pela terra, não se resumia apenas pelo espaço físico. É representatividade, luta pela sobrevivência e autonomia comunitária. No depoimento de Dona Zita, se destaca pelo fato dela e tantas outras sofrerem violência doméstica, por estar em situação de vulnerabilidade que o impedia o acesso ao estudo, renda financeira própria. Mesmo com a retomada da terra, muita coisa precisava alcançar, como por exemplo; saneamento básico, acesso a estudo, serviços de saúde e assim por diante. As oportunidades eram poucas, cada conquista era celebrada como vitória.

Os sonhos delas eram semelhantes uma das outras, de uma vida digna, onde pudessem viver em condições básicas e isso foi alcançado ao longo do tempo pelas gerações. No decorrer do tempo e perseverança a aldeia foi tomando forma. A casa de farinha, a chegada da água encanada, a ampliação de roçados, a escola, posto de saúde indígena. Todas essas conquistas eram movidas com a presença das mulheres também. Aumentava a pressão de uma reorganização social inclusa da presença feminina para além das atividades domésticas.

As mulheres aqui apresentadas viviam na cidade de Marcação e em aldeias vizinhas antes da retomada. Elas retornaram para a aldeia Três Rios à medida que junto com suas famílias, foram ocupando os espaços para plantar, construir casas e exercer as atividades produtivas agrícolas, pesqueiras e comércio local. Ou seja, a habitação permanência no território e a habitação contínua estão relacionadas aos modos de vida já mencionados, que garantem a reprodução física e cultural do grupo. Escolhi algumas mulheres por desempenharem uma participação ativa na aldeia, contribuindo para a manutenção organizacional, cultural e política de Três Rios.

A extensão ocupacional da aldeia, do lugar de pescar, de plantar, de festejar com a ciranda e vivenciar o ritual do toré. Constituem elementos tradicionais que orientam a ocupação do território, permanência e a continuidade destes saberes e recursos são práticas transmitidas de geração em geração.

Neste segundo momento apresento algumas mulheres indígenas que estiveram à frente também do processo de retomada e outras que desempenham diversos papéis sociais e culturais na aldeia Três Rios.

2.1 SÚ

Fui conhecendo os demais interlocutores através da parente Ângela. Uma indígena Potiguara que reside na aldeia Três Rios, a conheci em um curso técnico de idiomas na cidade de Mamanguape. Estudávamos juntas no ano de 2014 por alguns meses, ela já cursava Secretariado Executivo Bilíngue no Campus IV/UFPB [29] situado na cidade de Mamanguape.

Não chegamos a concluir o curso técnico e perdemos o contato uma da outra. No segundo ano cursando o mestrado a reencontrei via redes sociais. A mesma me fez o convite para ir até sua residência e aceitei. De fato, eu conhecia poucas pessoas que residiam na aldeia Três Rios. Este reencontro também foi à oportunidade de conhecer a aldeia abrangendo espaços e a família dela.

Considerando a recepção acolhedora de Ângela, tive a oportunidade de apresentar meu projeto de pesquisa em sua casa. Ela aproveitou o momento para me acompanhar em uma visita pela aldeia, me apresentando os espaços como; o campo de futebol, as ruas de casas que são da família dela, as pessoas que poderiam contribuir neste estudo. E nesta sequência de apresentação ela me mostrou o estabelecimento comercial ao lado do campo de futebol, em frente à cidade de Marcação. O espaço comercial pertence à Suyen Gerlane da Silva, conhecida por Sú. Ângela me apresentou a ela como sua prima, e logo anotei o contato do estabelecimento. A partir de então, passei a frequentar o local nas visitas seguintes à aldeia.

Sú construiu o espaço do restaurante e tapiocaria, identificado na língua Tupi e está estampado “Rapi’okaba Restaurante”. Ela afirma não falar fluentemente a língua tupi, mas pediu ajuda de uma professora indígena para escrever as palavras na língua materna. A professora foi Iraci Marculino dos Santos, que ministra a disciplina Etno História. Ela reside na aldeia Forte. Porém trabalha na escola Índio Pedro Máximo de Lima localizado na aldeia Três Rios.

Quando ia realizar as visitas na casa das interlocutoras, antes parava na tapiocaria para tomar café e até almoçava. Por várias vezes Sú sentava comigo e conversávamos sobre muitos assuntos do seu comércio local, em conversas informais, identifiquei as demais interlocutoras que fizeram parte deste estudo.

[29] O Campus IV da Universidade Federal da Paraíba está localizado em duas cidades no litoral norte da Paraíba, Rio Tinto e Mamanguape. Disponível em: https://www.ccae.ufpb.br/ccae. Acesso em: 27 de junho de 2025.







Figura 12 - Sú em seu estabelecimento comercial
Figura 13 - Estabelecimento comercial da Sú
Figura 14 - Campo de Futebol O RENATÃO
Fonte: Acervo pessoal

Durante o processo de retomada Sú e família residiam na cidade de Marcação, teve pouca participação pelo fato de trabalhar como doméstica na cidade. Mas sua mãe permaneceu em Marcação e depois se mudou para a aldeia Três Rios depois da retomada, quando o ex-Cacique Bel organizava a divisão dos espaços para as famílias construírem suas casas. Sú me contou que precisou ir trabalhar fora do território pelo fato de não ter oportunidade de trabalho no lugar, quando construiu sua casa na aldeia Três Rios ela e toda família ocuparam os espaços divididos pelo antigo cacique Bel.

Cada família que participou do processo de retomada e as famílias que residiam na cidade de Marcação e precisavam de terra para morar e trabalhar na agricultura. Construíram casas de palha, lona e trouxeram mais parentes que residiam em outros lugares. Sú recorda o tempo de quando residia na cidade com a família dela, saiam para trabalhar na agricultura na aldeia Brejinho, o antigo cacique de lá era Seu Domício.[30]

Após a retomada, as famílias conquistaram a liberdade de exercer a atividade agrícola e pesqueira na aldeia Três Rios. Assim a aldeia foi crescendo e Sú e família passaram a morar definitivamente na aldeia. Em 2010 ela teve a oportunidade de trabalhar como oficineira de hortaliças plantando tomates, coentro e alface. Legumes orgânicos para abastecer a refeição na Escola Indígena Índio Pedro Máximo de Lima, foi financiado pelo Governo Estadual do Programa Bolsa Mais Educação. E nos finais de semana ela vendia tapioca na feira Pública de Marcação.

> Aí fiquei trabalhando na escola durante a semana e no final de semana eu trabalhava vendendo tapioca no meio da feira. Na feirinha pública de Marcação. Comecei com um fogãozinho de barro, que naquele tempo eu fiz que era aquele fogãozinho pra botar o calvão e assando as tapiocas e tinha a tenda de lona. Era meu cantinho na feirinha. Todo domingo eu ia pra lá. E nos sábados eu vendia arroz doce, tapioca e mungunzá no meio da rua aqui em Marcação. E de segunda a sexta eu trabalhava na escola. (Sú, 27/02/2024).

O trabalho na escola não durou muito, Sú saiu porque não havia concluído o ensino médio e o projeto exigia a formação completa. Mas continuou o trabalho na feira, depois construiu o espaço da tapiocaria e ampliou para funcionar o restaurante, servindo comidas da região; marisco, camarão e peixe. O marisco é fornecido pelo seu irmão e a mãe dela (apresento no tópico seguinte). A goma para fazer a tapioca ela compra de fora do território.

[30] Seu Domício foi cacique na aldeia Brejinho, município de Marcação-PB. Muitas famílias saiam da cidade de Marcação-PB antes da retomada de Três Rios e iam trabalhar na agricultura que Seu Domício autorizava espaços para as famílias exercerem a atividade agrícola, plantavam milho, feijão, roça e cana de açúcar.

O restaurante é muito frequentado por diversos públicos, caminhoneiros, comerciantes, equipe da saúde indígena potiguara e moradores da própria aldeia.

Ela chega ao trabalho por volta das sete horas, fica o dia todo trabalhando junto com sua filha e o esposo realiza outras atividades fora do estabelecimento, mas ajuda na manutenção do funcionamento do espaço.

2.2 DONA MARIA DO PORCO

Por muitos momentos ficava no restaurante de Sú e foi mais uma oportunidade de conhecer as pessoas da aldeia Três Rios. O espaço também fica próximo à parada de ônibus, eu chegava de ônibus e ia para seu estabelecimento comercial muitas vezes pela manhã e ela me servia café com tapioca. Depois eu saia para casa dos interlocutores realizar a pesquisa. Enquanto conversávamos, Sú me falou sobre Dona Maria de Lurdes, muito conhecida pelo nome de Dona Maria do Porco, uma anciã muito conhecida por ser rezadeira na aldeia e região. Através de Sú a conheci Dona Maria do Porco, que além de ser sua prima é também sogra de Sú, ela esteve na luta pela terra e teve atuação importante na retomada.

Dona Maria do Porco tem referência deste nome pelo fato de ter criado porcos em grande quantidade por muitos anos, até hoje, mas em pouca quantia. Sú me passou a referência do local da casa dela para eu ir lá, por coincidência neste momento ia passando Seu Bebé (Jessy Pereira da Cruz) esposo de Dona Maria do Porco para a cidade de Marcação. Em seguida ela pediu para ele me levar até Dona Maria do Porco quando retornasse da cidade.

Poucos minutos depois, ele retornou e seguimos até sua casa. Ao chegar, Seu Bebé chama sua esposa e disse que havia levado visita. A reação dela ao me receber foi tranquila, pois já está acostumada a receber pessoas que procuram rezas ou pesquisadores. Ela saiu de dentro de casa com uma cadeira e a colocou debaixo do pé de cajueiro, no quintal de sua casa para que pudéssemos nos sentar. Apresentei-me e expliquei o motivo de estar em sua residência. Ela aceitou fazer parte desta pesquisa. Em seguida Seu Bebé e sua filha Bianca permaneceram conosco, enquanto ela iniciou sua fala sobre sua atuação no processo de retomada.

Naquele momento me atentei em registrar as informações na minha boa memória pelo fato de não ser autorizada a fazer os registros no meu caderno de campo, porque estávamos nos conhecendo e seria uma simples conversa naquele primeiro momento. Ela é paciente e demonstra a felicidade por estar sendo reconhecida para além da aldeia. Nas próximas visitas autoriza os registros e assim é permitido por ela.

Uma semana depois passo a visitar a casa dela pela manhã, ao chegar ela me recebe com café. Inicie novamente à conversa, a questionando como foi sua atuação na retomada. Ela recorda sua atividade principal no momento da retomada, ficava responsável pela refeição junto às outras mulheres na cozinha improvisada. Era grandes panelas de comida, tachos de alumínio a fogo de lenha ao lado da tenda de lona, esta cozinha coletiva era onde aconteciam os diálogos entre as lideranças e as mulheres antes dos discursos para o público de fora da tenda. Os alimentos foram doados pela FUNAI, CIMI representado pela irmã Juvanete Justino dos Santos[31] que teve atuação importante desde início do movimento da retomada. Dona Maria do Porco lembra-se de momentos em que uns pensavam em desistir por motivos de ameaças e a insegurança de não dar certo, mas continuaram porque a terra era a única garantia de toda a sobrevivência deles e das futuras gerações.

É rezadeira e devota de São Amanso, reza desde antes da retomada. Ela me levou até o quintal e apresentou as plantas medicinais; manjerioba, colônia, espada de são Jorge, hortelã, arruda e entre outras, ressalta os chás feitos por ela com algumas destas ervas para tratamento e até cura de doenças específicas. Além de estes saberes tradicionais, ela destaca as fases da lua, para escolher o dia ideal de rezar e fazer os chás de acordo com cada fase da lua. Dona Maria ressalta a importância deste período das fases pelo fato ter força sobre os efeitos do uso dos remédios, é ciclos que a lua tem influência sobre a reza, o corpo humano e todos os elementos da natureza.

Ela recorda o início também de seu grupo de ciranda Garganta de Ouro, começaram a dançar a ciranda na retomada até os dias atuais. Mostrou o banner do grupo apresentado em eventos, em especial no evento do I Festival do Garapira[32]. Em seguida apresentou o caderno com as músicas escritas e alguns instrumentos da ciranda. Esse grupo reflete a união das famílias para além da retomada, assim como o toré buscou fortalecimento e conexão aos encantados durante esse processo de luta e permanência na terra.

Dona Maria do Porco e Seu Bebé relatam os momentos que arrancaram as raízes da cana de açúcar e ocuparam todo espaço que construíram a casa, plantaram árvores frutíferas; laranjeira, cajueiro, coqueiro e mangueira. Sua filha Bianca relembra que as famílias de Três Rios ganharam mudas de cajueiro para plantar no espaço que antes estava ocupado pela cana.

[31] Missionária do Conselho Missionário Indigenista (CIMI), militante da causa indígena e teve forte atuação na retomada, através dela os indígenas potiguara conseguiram alimentação, lona para as barracas e entre outras doações. Até depois da retomada, ela auxiliou na construção da escola e da água na aldeia Três Rios.

[32] Encontro de Coco de Roda e Ciranda dos Indígenas Potiguara da Paraíba, este evento teve início em 2023, vem acontecendo anualmente na Oca de Dona Mariinha na aldeia Laranjeira, Baía da Traição. Reúnem-se grupos de Ciranda e Coco de roda de todo território Potiguara e regiões.

Ela regava as mudas no final da tarde e, com o passar do tempo, cresceram e deram muitos frutos. Atualmente, ainda restam algumas árvores próximas à casa da família. As mudas de cajueiro foi um projeto da UFPB coordenado pelo professor Lusival Antônio Barcellos e sua equipe de alunos.

Semanas depois, fui informada de que Dona Maria do Porco havia adoecido e estava na casa de uma das filhas, que reside na cidade de Rio Tinto. Comuniquei-me com a Bianca via Whatsapp para ter informações sobre o estado de saúde de sua mãe. Mesmo assim, continuei realizando minhas visitas. Seu Bebé e Bianca sempre me acolhiam com atenção e se mostravam dispostos a colaborar com a pesquisa. Em uma dessas idas a casa deles, encontrei Seu Bebé consertando o suporte da percussão, instrumento utilizado na ciranda.

O grupo Garganta de Ouro tem dez integrantes e tem mais de vinte anos de grupo organizado. Nasceu justamente na retomada, recordam que depois do ritual do toré tiravam os cocares e dançavam a ciranda no horário da noite, quando todos estavam presentes para passar a noite na retomada. O nome Garganta de Ouro se deu porque Dona Maria do Porco ficava sempre em silêncio em todo o momento dos discursos das lideranças indígenas e representantes dos órgãos durante o processo de retomada, mas na hora da ciranda ela soltava o vozeirão. As pessoas ao redor se admiravam com a voz dela e falavam que ela tem a garganta de ouro, assim ficou o nome do grupo.

Tudo é motivo para dançar a ciranda e a composição das músicas é produzida por eles mesmos, seja para festejos, assim como foi à celebração pela conquista da chegada da água na aldeia Três Rios, também a chegada da energia elétrica. Quando são convidados para eventos em outras aldeias e fora da aldeia, como forma de cumprimentar os outros parentes e o público, eles compõem letras de músicas dedicadas ao evento. Dona Maria do Porco cantou um refrão da música em referência à chegada da água.

> [...] Chegou Paulo Afonso.
> No seu caminhão,
> O cacimbão tá seco
> Não tem água não.
>
> Mas não tem água não.
> O que que eu vou fazer?
> Eu vou buscar água
> pra meu bem beber!
> Pra meu bem beber...
>
> (Dona Maria do Porco, 05/02/2024)

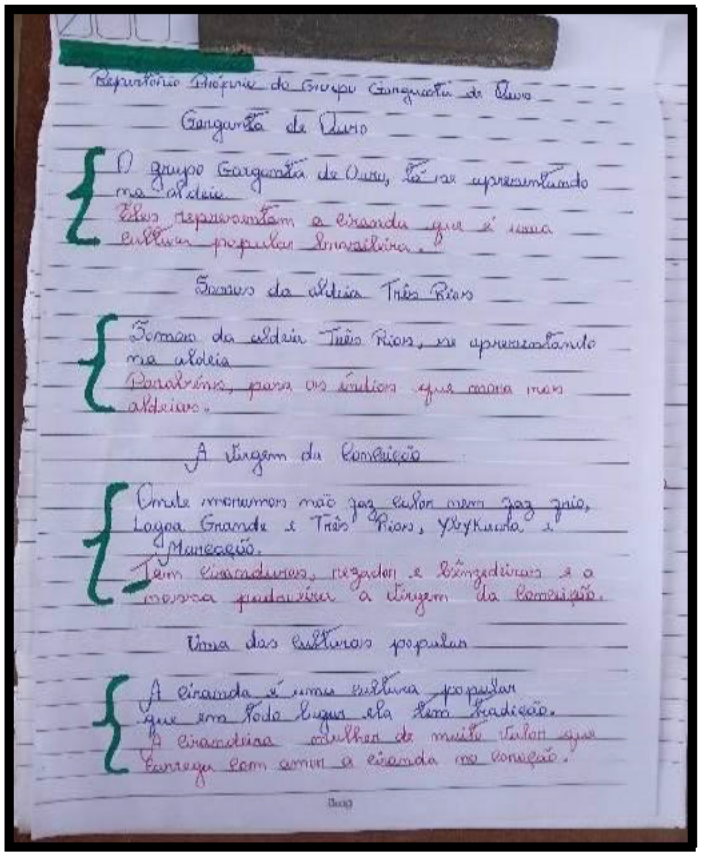
Fui surpreendida com uma mensagem que Bianca me enviou via Whatsapp, com uma letra da música da ciranda. Composição produzida por Seu Bebé e todo grupo Garganta de Ouro para mim. Convidaram-me para prestigiar quando ocorresse evento para assistir à apresentação da música direcionada a mim, como forma de consideração e carinho pela minha atuação.

> Thayná, antropóloga guerreira,
> ela é de Laranjeira
> que temos que se orgulhar.
> O trabalho dela,
> ele é puro e verdadeiro,
> ele sendo tão ligeiro
> para todos pesquisar.
>
> Thayná, tem o rio de Tio João,
> o rio é tão bonitão
> que a gente vai pra lá.
> Em Jacaré tem o rio da Cabatã
> o trabalho de Thayná, um dia vai chegar lá.
>
> (Seu Bebé e grupo Garganta de Ouro, 11/06/2024)





Figura 15 - Dona Maria do Porco
Figura 16 - Percussão
Fonte: Acervo pessoal



Repertório Próprio do Grupo Garganta de Ouro

Garganta de Ouro

O grupo Garganta de Ouro, faz as apresentações na aldeia.
Eles representam a ciranda que é uma cultura popular brasileira.

Irmãos da aldeia Três Rios

Somos da aldeia Três Rios, as apresentações na aldeia
Parabéns, para os índios que moram nas aldeias.

A Virgem da Conceição

Onde moramos não faz calor nem faz frio,
Lagoa Grande e Três Rios, Yby Kuruda e
Mucuçaia.
Têm cirandeiras, rezadeiras e benzedeiras e a
pessoa padroeira a Virgem da Conceição.

Uma das culturas populares

A ciranda é uma cultura popular
que em toda Lagoa ela tem tradição.
A cirandeira adulhera de muito talento que
começa com amor a ciranda na canção.

Figura 17 - Músicas da ciranda



Figura 18 - Grupo Ciranda Garganta de Ouro

Fonte: Acervo pessoal

2.3 DONA NÉM

Dona Ném é mãe de Sú, a quem conheci no restaurante de sua filha. Eu já havia na cidade de Baía da Traição, vendendo goma para fazer tapioca e massa de mandioca para fazer cuscuz, mas não imaginava que residia na aldeia Três Rios. Sua casa fica próxima à estrada e ao estabelecimento comercial da sua filha.

Ela é aposentada, tem quatro filhos e reside apenas com seu esposo, Seu Pedro. Ambos são agricultores e ainda realizam atividades de pesca, Dona Ném antes de a retomada residia na cidade de Marcação e trabalhava na agricultura na aldeia Brejinho, Marcação. Espaço de território cedido pelo antigo cacique Seu Domício já mencionado anteriormente. Já moram na aldeia Três Rios faz vinte anos, tempo da retomada.

Ela e o esposo quase não ficam em casa. Sempre estão no roçado, no mangue ou vendendo goma na cidade de Baía da Traição- PB. Organizam suas atividades de acordo com as fases da lua, por exemplo, quando a lua está cheia, a maré está grande é tempo de ir tirar as ostras no mangue porque estão maiores. Eles vendem o quilo da ostra já sem as conchas por cinquenta reais, geralmente vendem por encomenda para os comércios da região. Quando não estão no mangue, vão para o roçado limpar a roça e fazer o plantio da maniva (caule da mandioca), macaxeira e feijão localizado próximo ao porto de Marcação- PB é onde realizam todas as atividades agrícolas.

A casa de farinha da aldeia Três Rios está desativada. E para Dona Ném preparar a massa da mandioca, ela improvisou na sua casa a maneira de triturar a mandioca para vender a massa. Aos sábados ela vai com o esposo colher a mandioca, traz a quantidade suficiente para vender a massa para a semana seguinte. A mandioca fica de molho cortado em pequenos pedaços (dentro de uma bacia cheia de água) por oito dias, depois a mandioca fica amolecida no ponto de triturar. Em seguida Seu Pedro vai triturando cada pedaço da mandioca em um pequeno moinho triturador, só ele que faz esse processo porque exige mais esforço físico.

Enquanto ele está nesta atividade, Dona Ném vai peneirando a goma e reservando em sacos de um quilo, cada saquinho custam dez reais. Ela compra a goma da cidade de Guarabira e revende junto com a massa da mandioca mole triturada. Assim que Seu Pedro concluiu a trituração de toda mandioca, eles saem para a casa de farinha prensar toda a massa da mandioca e retirar todo líquido. Este processo só se realiza na casa de farinha porque o equipamento ainda está lá e ele não tem em casa. Ao finalizar, retornam para casa e ela vai peneirar a massa para tirar os fiapos da mandioca e obter uma massa fina, em seguida pesa a massa para colocá-las em sacos de um quilo. E assim conclui o processo da massa da

mandioca mole e está pronta para fazer o cuscuz e o beijú. Eles fazem este processo sempre nas quintas-feiras, porque é o dia ideal para tirar a mandioca da água e vender na cidade de Baía da Traição no dia seguinte.

Na sexta-feira eles vão de moto pela manhã levando a massa de mandioca mole e a goma, já levam sob encomendas e às vezes levam a mais para vender na rua. Ela demonstra ter medo de sofrer possíveis acidentes na estrada, mas vão por que é uma das fontes de renda econômica principal da família. Dona Ném vende na Baía da Traição há mais de trinta anos, criou seus filhos nesta dinâmica de trabalho, agricultura, pesca e comércio. Pretendem comprar um moinho triturador de maior tamanho para melhorar o trabalho, pois demora muito com o que tem e exige mais força física.

Meu contato com Dona Ném foi se fortalecendo ao avistar ela na cidade de Baía da Traição vendendo a massa da mandioca. Por muitas vezes ficava conversando com ela quando nos encontrávamos pela cidade, além da massa de mandioca que ela levava para vender, ela passou a trazer ostras, carne de caranguejo e mariscos. Esses crustáceos são dos filhos e netos que ela também vende. Eles catam os crustáceos durante a semana, negociam na cidade de Marcação e ela também traz para vender na cidade da Baía da Traição.

Durante a semana, Dona Ném estuda na cidade de Marcação, no programa EJA (Educação de Jovens e Adultos). Ela considera fundamental adquirir conhecimento para aperfeiçoar no ramo do comércio e na comunicação que tanto atua. Mesmo residindo apenas com seu esposo em uma casa, os filhos e netos residem próximos a eles e cooperam juntos para a renda econômica das famílias.





Figura 19 - Mandioca mole pronta para ser triturada
Figura 20 - Seu Pedro triturando a mandioca mole
Fonte: Acervo pessoal





Figura 21 - Massa da mandioca triturada.
Figura 22 - Dona Ném peneirando a goma.
Fonte: Acervo pessoal

As mulheres aqui apresentadas são parte da história da aldeia Três Rios, os vídeos documentários apresentam o início de uma nova vida na aldeia. Naquele momento a perseverança era pela sobrevivência, recomeçaram a vida a partir de uma terra degradada pela consequência ocasionada dos agrotóxicos usados na plantação canavieira.

Aos poucos a aldeia foi tomando forma, o cotidiano das famílias foi se estruturando e modificando. Antes da chegada da escola e demais instituições, a comunidade em especial as mulheres tinha um comprometimento com a valorização da cultura ancestral, a aldeia era fortalecida com a reza, com as plantas medicinais, com os cânticos, eventos da ciranda, rituais do toré, do cuidar e ensinar as crianças a praticar os costumes tradicionais, todos estes elementos são os principais para manutenção do povo Potiguara, que sempre esteve presente mesmo antes da retomada.

Esse elo se conecta com as famílias para além dos festejos de celebração da homologação, de aniversário, de retomada, de posse de liderança e entre outros momentos. A mulher tem sim vários papéis fundamentais para fortalecer a identidade Potiguara. Elas estão a todo o momento se autoafirmando como protagonistas também do movimento indígena. São lideranças que sempre estiveram na linha de frente, assim como a presença masculina. E de fato, a exclusão por serem mulheres ainda é grande, por achar que elas estão na tentativa de apagar a trajetória e presença dos homens, que na verdade elas estão na busca de melhores condições de vida, ocupar posições que desejam e respeito por ser quem são; detentoras de memórias e conhecimentos tradicionais.

A luta por muitas vezes não se apresenta por dar conta de tantas funções ao mesmo tempo, mas pela valorização de cada uma delas, são papéis invisíveis até uma delas deixar de executar, seja nas tarefas domésticas, cuidar das crianças, trabalhar no roçado, na casa de farinha, na cozinha de eventos, no comércio, na pesca, na organização do grupo de ciranda e tantos outros afazeres. São tantas tarefas que elas conseguem fazer sem se queixar, e é por estas atuações e afazeres que o movimento indígena acontece como aconteceu a retomada, a homologação, e entre outras conquistas. Foi através delas que os homens saíram de suas casas para reivindicar seus direitos e tiveram a quem deixar seus filhos e as atividades que foram mencionadas.

3 ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO AMBIENTAL

Conforme apresentado a história da aldeia Três Rios e a atuação de algumas mulheres Potiguara, neste capítulo vou trabalhar os impactos da cana de açúcar. Com tudo apresenta grandes consequências ambientais ocasionados pelo alto uso de agrotóxicos deixado sequelas para o meio ambiente, secagem de rios, nascentes, erosão e destruição de toda biodiversidade local devido ao desmatamento ocasionado da plantação canavieira. Alguns de meus interlocutores recordam momentos de quando arrancam as raízes da cana de açúcar para construir casas, plantar ervas medicinais, plantas frutíferas nos quintais e nos espaços que conseguiam retirar toda raiz da cana de açúcar e assim substituindo por roça e inhame.

Observo o solo se recuperando. Saiu à cana, entraram casas, quintais, roçados e sítios. Retornaram aos poucos após o desmatamento e a poluição em toda vegetação, os peixes e crustáceos no manguezal. Este modo tradicional dos Potiguara de habitar com casas, quintais e sítios é em si um processo de manejo ambiental e em alguns casos, pode representar uma efetiva ação de recuperação ambiental. Foi o que aconteceu com os Potiguara na aldeia Três Rios.

> [...] é roça e inhame, e feijão. Tem pesqueira também, é agricultor e pescador. Só quem não é pescador aqui é Prefeito e Vereador. Graças à Deus temos plantação de inhame, temos a plantação de milho, feijão, mas também vende tudo fora na feira livre, vende também pra atravessador que vem de fora comprar o feijão que no tempo dá muito. Planto o milho não dá como Estiva Velha (aldeia) aquelas áreas ali, mas eu planto aqui dá! Pra gente comer, às vezes vende um pouco, mas dá (Josecy, 12/01/2024).

É visível perceber as famílias recuperando o solo devastado devido ao desmatamento causado pelas plantações canavieiras e, nesta situação da aldeia diante dos conhecimentos tradicionais, apresentarei a atuação de jovens indígenas Potiguara adquirindo o conhecimento científico na academia e já retornando de forma positiva para a aldeia. Ou seja, o processo de conscientização se fortalece através de uma educação de qualidade e resulta para além dos espaços acadêmicos. Desta forma destaco um dos exemplos que apresento a seguir é onde foi o antigo lixão, inclusive foi um dos grandes problemas sociais e ambientais na aldeia Três Rios por muitos anos. Nele nasce o Projeto Curica, considerado continuidade da retomada, formado por jovens indígenas e anciões. Além deste projeto ressalto o projeto Juriti de um ancião da própria aldeia Três Rios. Ambos os projetos são organizações mais intensivas com o objetivo de recuperar o meio ambiente e ganham destaque nesta ação de sustentabilidade.

São projetos para além do reflorestamento. É reafirmação étnica, ensinamentos dos conhecimentos científicos que precisam andar junto com a ciência indígena. Juntos são repassados do mais velho ao mais novo. Além disso, ressalto as estratégias de recuperação da terra que as famílias, especificamente de Dona Ném, utilizam para obter a boa colheita da mandioca e ao mesmo tempo para o fortalecimento da terra.

3.1 RETORNO DA FERTILIDADE DO SOLO

A aldeia Três Rios foi uma área de atividade canavieira muito forte deixando o solo infértil e com consequências irreversíveis. Hoje a aldeia se encontra com diversas atividades agrícolas e pesqueiras de grande produtividade. Foram aplicadas estratégias de recuperação ambiental por meio do conhecimento tradicional e se expandiu ao longo dos anos envolvendo gerações, valorizando a relação entre os jovens e anciões partilhando as vivências destes saberes tradicional. Como explica Pajé Cy

> A gente fomo retomando e plantando por que tinha a palha da cana e ninguém queimava, só fazia gradear a cana. E aquilo tudo servia de estrumo, com o adubo da cana que eles botava muito juntou com o nosso jeito de trabalhar fortaleceu a terra. Só que a gente não pode plantar todo ano num canto só, a gente tem que dá descanso. Quando a gente trabalha demais, a gente não cansa? Mesmo assim é a terra, tudo na vida hoje precisa de um descanso. E a gente tem que dá esse apoio, se a gente não apoiar não vamos ter uma boa lavoura, uma boa roça, um bom inhame, uma boa batata, um bom feijão, um bom milho. Então nos precisa dar o apoio pra terra, porque se a gente não fizer isso só vai de água abaixo (Pajé Cy, 12/01/2024).

Além disso, a localização geográfica que a aldeia Três Rios está localizada contribui bastante para a vegetação próxima ao manguezal, facilitando as atividades agrícolas como afirma Pajé Cy.

> Eu tava conversando aqui com um senhor, que vi seca aqui em 77 (década de 70) foi o que eu vi. E aqui teve um negócio de um mês, dois meses de noventa dias, mas sempre ainda caia uma "garoinha" como se diz, néh! uma chuvinha a noite só pra apagar a poeira. Mas a gente aqui como se diz, água aqui pra gente é favorável. Agora o povo tem que entender que a boca da barra é aqui! O vento que sai do mar vem pra cá, o mar não leva o vento pra dentro assim não, então lá pra vocês pra água cair lá pra Laranjeira (aldeia), vai sair lá pra cima do Galego (aldeia Alto do Tambá) pra lá. E a gente aqui não, o vento saiu aqui na boca da barra, como se diz. Aí o vento só traz pra cá, aí a água favorece. Tem vez tá chovendo aqui o, o manguezal todinho, eu digo: essa chuva vai passar em Jaraguá saindo na Vila. Mas quando abre aqui na boca da barra, por cima de Brejinho (aldeia) cai todo aqui. Então daqui da gente é tudo favorável! (Pajé Cy, 12/01/2024).

De acordo com o relato de Pajé Cy, a terra volta a fertilidade e Dona Ném apresenta o manejo no plantio da roça semelhante ao modo do Pajé Cy, de juntar as folhas das árvores e não queimar para limpar o espaço que vai ser plantado, eles aproveitam a matéria orgânica para próprio benefício das plantações. As plantações são diversificadas e no caso de Dona Ném ressalta não ficar sem a venda da massa da mandioca, assim que a roça está acabando já vem outra parte do plantio chegando para o ponto da colheita.

Assim que a colheita da mandioca é feita as folhas e galhos das roças ficam no espaço, se tornando os próprios adubos orgânicos que beneficiam a futura plantação e assim fortalecendo a terra a deixando fértil. Além disso, a lavoura branca já está localizada próximo ao mangue, como ressaltou Pajé Cy neste espaço é favorável a chuva, facilitando o cultivo da roça, feijão e milho. Essa dinâmica se repete por diversas famílias que exercem atividade agrícola. Além deste conhecimento tradicional, destaco outras organizações mais intensivas de recuperar o meio ambiente que vem ganhando visibilidade para além da aldeia Três Rios.

3.2 PROJETO CURICA

Conheci o Projeto Curica através das redes sociais e do jovem indígena Potiguara Fred Karakará. Fred é um dos meus interlocutores principais. Ele reside na aldeia Três Rios, é estudante do curso de Antropologia no Campus IV/UFPB. Ele me fez o convite para ir conhecer o projeto, apresentar como funciona a dinâmica de atividades que são exercidas envolvendo os jovens, crianças e anciões, o mesmo está como coordenador deste projeto. As atividades acontecem aos sábados a partir das 14h, mantive contato com ele via WhatsApp para receber as informações sobre o cronograma de atividades e as possíveis visitas que faria durante minha pesquisa.

Iniciei minha primeira visita ao projeto no dia vinte de janeiro de 2024, fui acompanhada com um parente o Fabrício Potiguara, estudante do curso de Arqueologia pela UFMG. Não sabíamos o local do projeto, Fred me enviou fotos, vídeo com imagens dos pontos de referência próximo a localização, seguindo as informações chegamos por volta das 14h30min da tarde. Ao chegar estavam presentes alguns integrantes do projeto; Fred, Jerfeson (estudante de Ecologia pela UFPB), Joás (Professor Indígena), André (Professor Indígena) e Fernanda, a Fernanda além de ser professora é uma das integrantes responsável pela comunicação e divulgação do projeto nas redes sociais, fazendo vídeos e fotos para divulgação no Instagram do Projeto Curica.

Eu e o Fabrício nos integramos junto à equipe e passamos a ajudar no processo de limpeza até o plantio, uma parte dos integrantes limpava na manutenção das mudas e outra preparava o espaço para plantação das novas mudas. Neste dia plantamos as mudas de ipês branco e amarelo, jatobá, chichá e embaúba. Por volta das 15h30mi chegaram quatro crianças para continuar as plantações e a Monique, atualmente mestranda em Antropologia pela UFPB, ela fica também responsável pelos registros da comunicação nas redes sociais, prepara e traz o lanche para todos os integrantes do projeto. Enquanto a limpeza acontecia fui conhecendo cada integrante ouvindo os relatos deles, o contexto histórico do antes e depois do antigo lixão que era naquele espaço.

O espaço do Projeto Curica antes era mata depois plantio de eucalipto, em seguida foi plantação de cana de açúcar. Depois da cana de açúcar a prefeitura passou a tirar a areia para construir a estrada PB 041, no decorrer do tempo o espaço passou a receber lixo urbano da cidade de Marcação/PB. Anos se passaram e o lixo ficou acumulado trazendo consequências para as famílias da aldeia Três Rios, como o odor nas casas próximas, prejudicando os animais e a própria população local. Fred ressalta o mau cheiro na sua casa devido ao acúmulo de lixo, pois reside em frente ao antigo lixão. Foi quando pensaram em reconstruir o espaço para reflorestamento e de socialização para acontecer os eventos na aldeia Três Rios, nosso contato se fortaleceu através do Whatsapp, o questionava sobre o projeto e ele me respondia através desta ferramenta de comunicação.

> Por tempos foi mata, após isso eucalipto, cana-de-açúcar, após isso o lixão e, por fim, o projeto de reflorestamento e um espaço de socialização na comunidade da aldeia Três Rios. A iniciativa do projeto deu-se em outubro de 2021, por mim, ao incomodar-se com o acúmulo de lixo próximo às casas (inclusive a minha), mas as atividades só tiveram fluidez quando entrei em contato com outras pessoas para realizarmos esse projeto em conjunto, através de mutirões comunitários (Fred Karakará, aldeia Três Rios, 22/02/2024).

O lixo que juntamos foi deixado ao lado da estrada para coleta municipal da cidade de Marcação recolher, em seguida cada integrante plantou um tipo de mudas que estavam embaixo de uma oca pequena, ao lado está em construção de uma oca de alvenaria pela Prefeitura Municipal de Marcação. As atividades estão se desenvolvendo de forma voluntária composto por crianças, jovens, anciãos da própria aldeia e aldeias vizinhas, a contribuição de órgãos que foram acionados para apoiar a ação como a Prefeitura de Marcação, FUNAI, CIMI e APOINME.

> O lixo coletado é ensacado e descartado próximo à rua do projeto, para coleta municipal. Conquista nossa, do projeto, pois até então não passava carro de lixo lá. Até agora, Funai, CIMI, APOINME na assessoria jurídica e Prefeitura Municipal de Marcação (Fred Karakará, Três Rios, 22/02/2024).

Pude participar das atividades do Projeto Curica aos sábados junto com o Fabrício Potiguara enquanto ele e eu estávamos em período de férias, com ele fomos duas vezes. Na segunda visita ao projeto, conhecemos mais integrantes e a atividade realizada foi à produção de mudas.

Com o auxílio do ancião, o Seu José Mendes nos ensina como se planta as sementes das árvores coletadas dias antes. Toda a dinâmica de aprendizagem sobre a reprodução das mudas foi do Seu José Mendes e o Jeferson nos auxiliando na maneira de plantar as sementes nos saquinhos e retirá-las das mudas para plantá-las no solo.

O projeto Curica se destaca pelas redes sociais, as atividades de reflorestamento ganham visibilidade para além da aldeia Três Rios, recentemente o projeto foi contemplado com recursos da Lei Paulo Gustavo [33], na categoria "Minidocumentário, produção e audiovisual!". Foi produzido este minidocumentário intitulado "Do lixão ao Reflorestamento", de como tudo começou e as primeiras pessoas envolvidas.

> Aqui onde nós estamos nesse local, era o lixão. Lixão que vinha da Baía da Traição, Marcação, né? e próprio a população daqui já que tava se aproximando aqui dentro da aldeia e o lixo só vinha pra aqui. Casco de caranguejo, tudo que de ruim vinha aqui pra dentro, um dia a gente teve que tomar providências. Qual foi a providência? De pedir, que não botasse lixo mais aqui. Da Baia da Traição, só de Marcação. Era assim, um carro na frente e outro atrás. Por dia era quatro carrada de lixo, ninguém aguentava não! Aquela área ali que é branca, que vocês ver, aquilo ali era tudo casca de caranguejo, tudo foi casca de caranguejo. Como aqui ainda tem aí e não e fácil de terminar. Mas apareceu Fredinho, esse caminho longo, né? com o jeito dele, corria pra cá e corria pra lá e apareceu o projeto Curica. O projeto Curica foi envolvendo os jovens, a população que pra ele não bem-vindo esses projetos, não entendem. Precisam passar muito tempo pra eles entender o que que é um projeto pra sua comunidade em benefício do seu povo. Seu Zé Mendes tem aquele projeto dele aqui de muitos anos, e é acho que projeto Curica, veio através de seu Zé, o reflorestamento, né? isso aqui não é meu, isso aqui e da população de Três Rios e das trinta e duas aldeias pra mostrar, porque esse daqui é um projeto que vai pingar nas trinta e duas aldeias. (Pajé Cy, Minidocumentário: Do lixão ao Reflorestamento [34]).

[33] Disponível em: https://www.gov.br/secom/pt-br/acesso-a-informacao/comunicabr/lista-de-acoes-e-programas/lei-paulo-gustavo Acesso em: 02 de junho de 2025.
[34] Disponível em: www.youtube.com/@RedeCurica Acesso em: 02 de junho de 2025.

Figura 23 - Muda de planta



Figura 24 - Mudas de novas plantas



Figura 25 - Limpeza do espaço do espaço envolvendo crianças, jovens e anciãos. 17/02/2024.



Figura 26 - Espaço do Reflorestamento do Projeto Curica



Fonte: Acervo pessoal

3.3 1º ANIVERSÁRIO DO PROJETO CURICA

O evento de comemoração do primeiro aniversário do projeto Curica aconteceu no dia dez de novembro de 2024. O projeto se tornou associação registrada em cartório possuindo CNPJ, a equipe se articulou e nomearam como Associação Indígena Socioambiental Curica-Rede Curica. No dia do evento fui com o parente Pedro Lôbo e seu sobrinho João Vítor por volta das 9 horas da manhã saindo de Baía da Traição, PB. Ao chegarmos ao espaço do Projeto Curica, avistamos a movimentação de pessoas se aproximando da oca, havia tendas da FUNAI com a venda de artesanatos indígenas, pinturas corporais e ao lado outra tenda com mesa com frutas, tapioca e água. No espaço distante em que as pessoas estavam e da oca havia banheiro químico e do outro lado do espaço foi reservado para estacionamento de carros e motos. Diante deste cenário festivo todo público foi convidado para iniciar com o ritual do toré de abertura, embaixo do pé de oliveira. Após o ritual todos seguiram em direção à oca para iniciar o evento com as falas das lideranças e representantes de instituições.

A programação foi pensada para todo público que estivesse presente, algumas das integrantes do projeto acolhiam as crianças em um espaço interativo preparado só para elas. As integrantes Fernanda, Monique e Daiane reuniram as crianças e ficaram sentadas embaixo do pé de oliveira onde ocorreu o ritual do toré, todo espaço foi limpo para acomodá-las. A dinâmica seguiu por meio de atividades educativas, cânticos do toré, pinturas corporais e distribuição de doces e pipocas. Enquanto a atividade com as crianças acontecia, a roda de conversa seguiu-se na oca iniciando com o discurso dos anciões, estavam neste momento de diálogo; Pajé Cy, Capitão Potiguara, Dona Maria do Porco, Dona Zita, irmã Juvanete (CIMI) e Seu José Mendes (Projeto Juriti). Além deles, estavam representantes da Prefeitura Municipal de Marcação, CIMI, Projeto Águas Potiguara [35], Paraíba Mel Potiguara[36].

A integrante do Projeto Curica, Jaqueline iniciou apresentando os representantes que estavam começando pelo Pajé Cy, que agradeceu a presença de todos que estavam presentes e ressaltou a importância de luta e atuação dos jovens pelo reflorestamento na aldeia Três Rios. Em seguida, o integrante do projeto Curica, Joás fez sua fala sobre a importância da presença de cada integrante e reforça o convite para as famílias da aldeia Três Rios participar das atividades de reflorestamento.

[35] É um projeto de reflorestamento e recuperação dos rios no Território Potiguara. Situado na aldeia Alto do Tambá, Baía da Traição, PB.
[36] É uma Associação dos Produtores de Mel Indígena Potiguara, situada na aldeia São Miguel, Baia da Traição-PB.

Expressa sua preocupação com a baixa quantidade de pessoas que participam do projeto Curica. E reforça o convite para a comunidade, o projeto é para além de um reflorestamento, é vínculo com a terra, com os anciões e fortalecimento dos laços familiares que residem na aldeia. Emocionado por ressaltar as lembranças junto com seu pai Cy, de tantos desafios que passaram juntos no momento da retomada e se manterem na terra. Em seguida, Joás teve que sair e depois a fala foi repassada para Dona Maria do Porco. Ela feliz por vivenciar o momento festivo junto aos parentes de luta, agradeceu todos os presentes que estavam no evento. Logo após, a irmã Juvanete (CIMI) agradeceu o convite e destacou a importância da atuação dos jovens Potiguara nesta luta de reflorestar e se capacitando nos espaços acadêmicos. De retornar de forma imediata para as comunidades indígenas, em especial na aldeia Três Rios.

O evento continuou nesse clima de gratidão e agradecimentos por todo público. Professores Potiguara contribuíram com falas de luta e perseverança em continuar as atividades de reflorestamento e incentivar as crianças a participarem destas atividades. Em seguida o almoço foi servido, e a tarde como previa a programação aconteceria à fala de representantes das instituições; FUNAI, Prefeitura Municipal de Marcação, Águas Potiguara e Paraíba Mel, com encerramento do grupo de ciranda Garganta de Ouro. Por motivos maiores não foi possível ficar até o final do evento.

Na foto abaixo apresento as figuras que são representatividades em toda trajetória de luta da retomada. Dona Zita, (rezadeira, parteira, atuou do início ao fim da retomada), Capitão Potiguara (liderança, atuou desde o início da retomada e no movimento indígena), Pajé Cy (foi vice-cacique e hoje Pajé, segue na liderança e detentores dos conhecimentos tradicionais), Dona Maria do Porco (rezadeira, atuou na retomada, cantora do Grupo Garganta de Ouros) e seu José Mendes (idealizador do Projeto Juriti). Todos esses anciões estão presentes na aldeia Três Rios, qualquer evento que acontece na aldeia, eles estão sempre nos repassando o conhecimento tradicional, a presença deles firma o compromisso da continuidade da cultura e rituais indígena Potiguara passadas de geração.

Figura 27 e 28 - Dona Zita expressando a gratidão pela equipe do Projeto Curica e a importância da posse da terra

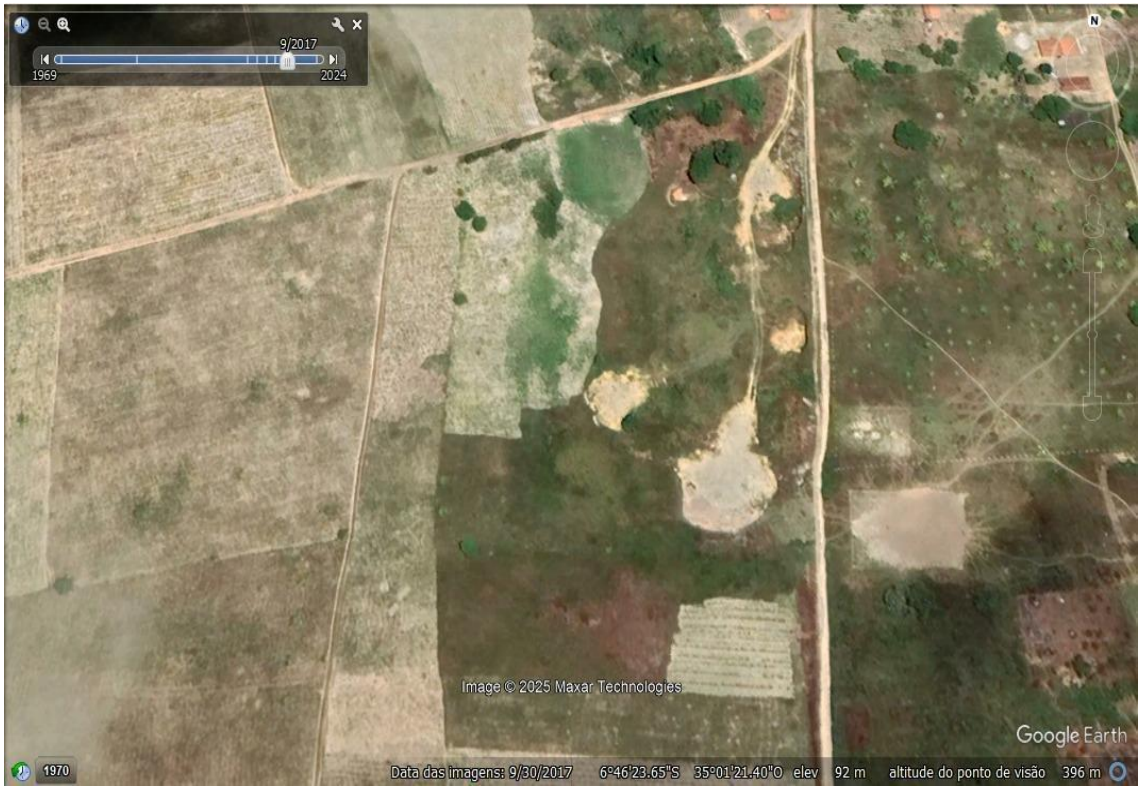




Fonte: Pedro Lôbo (2024)

Atualmente o solo está voltando a ficar fértil, a aldeia apresenta uma diversidade de plantações tradicionais, a lavoura branca se destaca na aldeia e ressalto que esta aldeia é específica devido à proibição do cultivo da cana de açúcar, diferente das demais aldeias de todo Território Indígena Potiguara. O espaço do Projeto Curica se modifica com rapidez conforme apresenta as fotos a seguir.

Figura 29 - Espaço do Projeto Curica no ano de 2017



Fonte: Google Earth

Figura 30 - Espaço do Projeto Curica no ano de 2024



Fonte: Google Earth

A conexão entre a terra e o povo indígena potiguara vai além de um espaço de moradia. É um conjunto de elementos para a sobrevivência e reprodução dos grupos domésticos. Ressalto que a retomada não é um processo que acaba com a conquista da terra, ela continua em se manterem na posse dela, a resistência de manter a preservação ambiental e o acordo entre indígenas sobre não exercer a atividade da implantação da cana de açúcar na aldeia. Pois a aldeia Três Rios e Jaraguá são as únicas aldeias Potiguara que não exercem a atividade canavieira e seguem nesta resistência, são duas aldeias específicas. Mas não são diferentes dos outros Potiguara, ou seja, não existe divisão entre elas ou identidade específica que cause divisão com as demais aldeias da TI Potiguara.

> Quando vejo que as coisas tá querendo... aí eu chamo pra uma reunião na saúde, na educação, chamo pra o movimento da terra também, porque índio sem terra não é índio. E nós não sobrevivemos sem a terra, tem que ter a terra pra gente sobreviver e tem que ter a educação, saúde e agricultura. E como se diz, hoje a nossa terra é coberta de lavoura, mas já fomos ameaçados pra plantação de cana e a gente tá se segurando. Porque todo ano é discussão, é dificuldade, vendo a hora morrer por causa de pedacinho de terra pra se plantar uma cana. E tamo segurando a nossa agricultura, fazer projeto pra melhorar nossa agricultura dentro de nossa terra. Só cana de

> açúcar não dar resultado e nos traz a doença pra nosso povo. Então eu vejo isso, eu sou uma pessoa que olho os dois lados. Então não é fácil, hoje estamos aqui com as dificuldades, mas tamo que tá com o pé no chão! (Josecy, 12/01/2024).

3.4 PROJETO JURITI

Nesta mesma tarde que fui conhecer o espaço do Projeto Curica, conheci Seu José Mendes. Durante a atividade de limpar a terra para receber as mudas, ele aproveitou o momento em que estávamos presentes no espaço do Projeto Curica e nos convidou para conhecer o seu reflorestamento que ele sozinho plantou. É um local afastado das casas e ocupou o lugar que estava devastado devido ao desmatamento, plantou diversas mudas de árvores nativas e faz a manutenção de todas elas.

> Primeiramente eu agradeço a presença de vocês, pra ver a área reflorestada que eu tô reflorestando. Meu nome é José Salvino Mendes Filho, moro aqui mesmo na aldeia Três Rios, faço um trabalho de reflorestamento aqui há uns cinco anos mais ou menos. Encontrei essa área aqui que foi toda degradada que foi tirado o barro pra fazer o aterro da pista de Vila Monte-Mor a Baia da Traição. Então essa terra ficou desocupada, era uma área que devia ter tomado conta pra reflorestar era o próprio governo do estado, as máquinas do estado entraram aqui pra fazer escavação pra tirar o barro, mas não fez. (José Salvino Mendes Filho, 21/01/2024).

Seu José Mendes nos levou até a área de reflorestamento e enquanto caminhávamos até o local foi nos relatando como tudo começou. Em casa ele organiza as mudas com todos os cuidados, assim que elas crescem até chegar ao ponto de serem plantadas segue para o espaço de reflorestamento. Toda manutenção do espaço ele realiza sem auxílio de outras pessoas, mas agora está recebendo ajuda dos integrantes do projeto Curica, ambos os projetos estão se apoiando para ampliar o reflorestamento na aldeia.

> Eu vendo isso aqui uma área pra lavoura não prestava em cima desse barro aqui. Aí eu falei com o Cacique Josecy. Quer plantar, plante! Tem o meu apoio! E eu entrei pra plantar e tô plantando até os dias de hoje. Não tive ajuda de nenhum órgão, nenhum órgão me ajudou assim financeiramente. Assim quem ajudou com material foi o engenheiro da Funai por nome Sanai, o chefe do posto também já reconhece isso aqui. Que tô fazendo este trabalho aqui. E queria mais apoio das pessoas, da comunidade, das autoridade de fazer vistoria na área, de medir a área pra saber quantas hectares dava a área. Então o trabalho que eu faço até hoje pela idade que eu tenho de 82 anos era pra tá em casa, mas eu gosto de fazer né? Agradeço a presença de vocês que tão aqui pra ver, não venha só essa vez, venha mais outras vezes (José Salvino Mendes Filho, 21/01/2024).

Observamos a diversidade de árvores que Seu José Mendes plantou sozinho e tem esse projeto de reflorestamento denominado Projeto Juriti. Ele colabora no Projeto Curica e se dedica ao seu projeto.

> Tô hoje aqui ajudando o Fred e isso aqui já tá no nome do projeto. Projeto Juriti, Juriti é um pássaro que vive nas matas. Aqui mesmo nessa matinha elas tão reproduzindo tendo seus filhotes aí que elas cantam muito de manhã. Aqui eu chamo tudo pelo nome, tá vendo essa carreira aqui? Essa aqui já se conhece que se chama oliveira, essa aqui é pau d'arco que se dá também o nome de ypê, tem o jatobá, tem cupiuba, tem pau brasil, tem coco catolé, tem o coco babão, tem o angelim, tem as mudas de jucá e outras mais, tem capeira. Venho plantando aqui há uns cinco anos... (José Salvino Mendes Filho, 21/01/2024).

Figura 31- Seu José Mendes ao lado da placa Reflorestamento do Projeto Juriti



Figura 32 - Espaço de Reflorestamento do Projeto Juriti



Fonte: Acervo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aldeia Três Rios modificou-se ao longo do tempo, a reorganização social das famílias fez com que o solo se recuperasse, mesmo com danos irreparáveis devido ao desmatamento e a implantação anteriormente da cana de açúcar, a terra hoje volta a sua fertilidade.

> No tocante o presente temático lembra-me que cresci vendo as terras da Aldeia Três Rios – Marcação – Paraíba sendo ocupadas por plantações de cana- de-açúcar e hoje vejo um novo cenário, pois o povo indígena encontra-se usufruindo das terras que são suas por direito, construíram suas casas, alguns praticam a agricultura plantando: macaxeira, mandioca, milho, feijão, inhame, dentre outros produtos, outros praticam a pesca em busca de suprir as necessidades de sua família (Santos, 2024, p.14).

A luta pela terra e permanência nela se torna contínua, é um processo desafiador pela posse da terra e os direitos sobre ela, este cenário de conflitos que se mantém mesmo com a homologação da terra, foram anos de resistência, espera e promessas até chegar à posse definitiva. Ressaltei interlocutores ativos na recuperação ambiental, nas práticas culturais, nas atividades agrícolas, comerciais e pesqueiras. E todos esses elementos enaltecem a coletividade na questão vital de sobrevivência e em defesa dos que vivem no território (animais, nascentes, matas), esses recursos naturais são manejados dentro do território para garantia das futuras gerações nesta forma de mobilização específica, com ênfase extremamente importante da representatividade feminina.

> Já trabalhei muito aqui dentro, botava roçado grande, plantava inhame quando era mais nova, plantava muito. Tinha cinco filhos e deixava a mais velha com os pequeno e ia trabalhar. Mai não trabalhava muito não, ia lá embaixo na cabeça da ladeira, aí a gente trabalhava. Aí Seu Vicentinho dizia - é Dona Maria tem que trabalhar, porque se não trabalhar a gente, a gente somo índio a gente tem que trabalhar na terra da gente mesmo. Digo - é Seu Vicentinho botar roçado! Eu me lembro como se fosse hoje eu buchuda de um menino já tempo de parir, aí os cacique dizia; mulé vá pra casa! Tu vai ter esse menino aqui dentro do roçado. Digo - Tem nada não! Índio já sabe como é (risos) (Dona Maria, 12/01/2024).

> Lá no Ministério da Justiça eu chorei muito porque todo processo que nós passamos era muito duro, as pressões que recebi. Em 99 quando foi anulado o relatório da terra, eu fui procurado pela procuradoria da república na reunião do Dr. Antônio, que era o procurador, tinha 4 usineiros lá e fui

> escolhido por um dos usineiros assentados numa sala. E recebi uma proposta pra eu suspender o processo por 4 anos da demarcação da terra e mandar nosso povo plantar cana de açúcar pra eles. E eu não aceitei, ele sabia da minha da vida que eu era pré candidato a vereador, eles bancavam minha campanha e eu tinha que mandar o povo plantar cana pra eles. A minha vida financeiramente eu ia ser beneficiado, eu não aceitei a proposta porque eu disse que meu povo não era mercadoria pra negociar meu povo. Teve um período que o pessoal, uns ficava do lado de Três Rios e do outro lado é cidade Marcação, e tinha uns que ficava falando besteira, dizendo que a gente saísse de lá que a gente ia morrer. Mas ali ela pela sobrevivência, sabe? Nosso povo precisava retomar aquela área ali que só era cana de açúcar, o que você ver hoje o que era cana de açúcar, hoje é casa e lavoura branca. A maior produção de mandioca e inhame que a gente tem sai dali de Três Rios (Capitão Potiguara, 11/05/2024).

Alguns dos grupos domésticos estabelecem relações de alianças políticas nas comunidades tradicionais através de famílias extensas de gerações observadas segundo Mura e Silva (2011). A aldeia Três Rios é semelhante a essa dinâmica de organização social apresentada pelos pesquisadores mencionados, mas o diferencial é de ser uma aldeia de retomada que sofreu diversas modificações sociais e ambientais ao longo do tempo. Essa forma organizacional de aproveitar os espaços para criação de animais, de plantar, construir casas em área de retomada sob administração destes elementos da mulher como ponto central. É semelhante a aldeia Jaraguá, segundo Araújo (2017) sobre os estudos dos grupos domésticos na aldeia Jaraguá Potiguara de Monte Mor.

Durante minhas idas à aldeia Três Rios, no processo de conhecer a aldeia, de acompanhar as famílias em suas atividades, de participar do cotidiano delas. É visível notar a preocupação em relação a posse da terra, incertezas de como será nos próximos anos, de um passado que não passou, o residir dentro da aldeia que depende do espaço para sobrevivência, é lugar de resistência pelo fato de manter a preservação e os projetos de reflorestamento ambiental que estão em execução.

A articulação política interna da aldeia seja pelos anciãos, jovens indígenas frente aos projetos de reflorestamento, agricultoras, e o papel das mulheres em todas as dinâmicas de atividades enaltece esse vínculo de cooperação e comprometimento com a causa indígena, preservação ambiental, preservação dos rituais e do Toré à Ciranda. O papel da mulher vai além das atividades domésticas, ela é a base central de boa parte das articulações políticas na vida da aldeia.

> A mulher trabalha no campo e trabalha em casa. Porque eu digo por mim, eu trabalhava o dia. Quando eu chegava ia lavar roupa, ia cuidar de menino, quatro horas da manhã e eu ainda não tinha nem me deitado. E o homem, não! Homem é um serviço só. Os pescador vai na maré, coloca a rede e já pode vir pra casa, na hora de vir pegar o peixe que a maré tá seca, vai lá pega o peixe e levanta a rede e vai pra casa e vai dormir, vai jogar, vai brincar. E a mulher não tem! A mulher nunca para de trabalhar (Depoimento de Dona Zita em Maria Caboca[37]).

Mesmo com variados conflitos existentes na aldeia destacou-se o principal deles: uma família específica chegou plantar a cana de açúcar na aldeia Três Rios, visto que é proibida pelas lideranças e maioria da comunidade. Porém a atividade canavieira não se expandiu por ser impedida pela liderança local, gerando clima tenso de oposição de ideias e poder. Inclusive, atualmente a aldeia não possui um cacique próprio, sendo a sua liderança de responsabilidade do cacique geral Sandro Potiguara.

A resistência das famílias na aldeia Três Rios em não exercer a atividade canavieira acaba gerando desacordo e insatisfação nos vínculos familiares, de não aceitar a proibição da cana de açúcar na aldeia. Os mesmos relatam o motivo de plantar a cana de açúcar pelo fato de não ter oportunidade de trabalho em órgãos públicos (Funai, Sesai, Prefeitura). A atividade do trabalho com a roça, pesca e cata de caranguejo não são suficientes na renda economicamente das famílias, a renda econômica é limitada. Assim recorrem à atividade canavieira como alternativa para ter a possibilidade de suprir as necessidades básicas. De acordo com Palitot e Yogi (2022), a atividade canavieira está presente em quase todo território Potiguara,

> amplamente direcionados pelas lógicas indígenas que recompuseram importantes áreas de moradia, produção e preservação ambiental. Ainda assim, a monocultura canavieira continua ditando o ritmo econômico local e se faz presente nas três TIs. Apesar de formalmente terem afastado e empurrado as usinas para longe, os canaviais continuam dentro das TIs, e apenas duas aldeias não permitem seu cultivo: Jaraguá e Três Rios. Nas demais, sob diferentes arranjos, a cana-de-açúcar se faz presente, seja por ocupação direta, seja por arrendamento de terras, seja por espólio de retomadas, seja por plantio indígena (Palitot e Yogi, 2022. p. 385).

[37] Disponível em: documentário,https://www.youtube.com/watch?v=vgBXlzGzjxg&t=11s Acesso: agosto de 2025.

Mesmo com esse conflito declarado, eles são unidos quando o assunto é luta e festejos coletivos. A comunidade se une e busca melhorias diante da atual conjuntura deste cenário de conflito para além dos desacordos internos. Na celebração do primeiro aniversário do projeto Curica, estavam presentes as famílias que vivenciam situações de conflitos internos na aldeia Três Rios junto com lideranças e demais representatividades.

Diante deste cenário, reforça mais uma vez a importância da posse da terra para os Potiguara para além de um espaço físico e reprodução. É preservação, é continuidade dos costumes tradicionais, é garantia para futuras gerações. A retomada faz cumprir a promessa que está na Constituição. O estado não cumpre, mas os Potiguara fazem isso acontecer. A homologação da TI Monte-Mor foi resultado de uma luta contínua do passado de geração para geração. E hoje a maior resistência é pela preservação, conflito declarado não apenas pelos brancos, mas com indígena contra indígena por terem opiniões divergentes em relação a interesses individuais.

> Nós gosta do ritual, o ritual é sobre a cultura do Toré. Nós somos convidado pra fazer Toré em qualquer cidade, qualquer aldeia. Quando nós chegamos aqui não tinha água, não tinha luz. Eu vendi minha casa na cidade e faz vinte anos que moro aqui! Entremo aqui e graças a Deus, Olha que beleza! Que estamos aqui. E assim durante o tempo que nos estamo aqui. É ciranda, é coco de roda e não tô mentindo, todo mundo me conhece... Eu gosto muito de cantar ciranda e coco de roda. (Dona Maria do Porco. Grupo de Ciranda Garganta de Ouro da aldeia Três Rios. I Festival Garapirá. AVAEDOC/UFPB, 2023).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALACORN, Daniela Fernandes. A forma retomada: contribuições para o estudo das retomadas de terras, a partir do caso Tupinambá da Serra do Padeiro. *RURIS – Revista do Centro de Estudos Rurais*, v. 7, n. 1, 2014. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ruris/article/view/1648. Acesso em: [data de acesso].

AMADO, Luiz Henrique Eloy; AMANAJÁS, Roberta. O direito constitucional à retomada de terras indígenas originárias. In: BURITI, Valéria Torres Amaral et al. (org.). *O direito humano à alimentação e à nutrição adequada: enunciados jurídicos*. Brasília: FIAN Brasil, 2021.

ARAÚJO, Marianna de Queiroz. *Ecologia doméstica e transação de conhecimento entre grupos domésticos potiguara da aldeia Jaraguá de Monte-Mór, PB*. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

AZEVEDO, Ana Lúcia Lobato de. *"A terra somos nós": uma análise de processos políticos na construção da terra potiguara*. 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1986.

BARBOSA, Alexandra da Silva; MURA, Fábio. Organização doméstica, tradição de conhecimento e jogos identitários: algumas reflexões sobre os povos ditos tradicionais. *Raízes*, v. 33, n. 1, p. [paginação], jan./jun. 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, v. 10, n. 1, p. 11–27, 2007.

BRITO, Maria de Fátima Campelo. *Relatório dos estudos de identificação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór*. Recife: FUNAI, 1996.

COSTA, Ivys Medeiros da. *Terra indígena x terra de usina: legislação socioambiental e fundiária e os conflitos na TI Potiguara Monte-Mór-PB*. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

GOMES, Thayná Donato. *Uma etnografia da organização social da aldeia Laranjeira: Terra Indígena Potiguara, Baía da Traição – PB*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – CCAE, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2021.

MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. *Território de memória e territorialidades da Vitória dos Potiguara da aldeia Três Rios*. 2009. Trabalho acadêmico – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco de. A luta pelo território como chave analítica para a reorganização da cultura. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.). *A reconquista do território: etnografias do protagonismo indígena contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-Papers; LACED, 2022. p. 11–36.

PALITOT, Estêvão Martins. Diagrama de parentesco elaborado a partir de dados de campo. João Pessoa, 2015. Documento digitado.

PALITOT, Estêvão Martins. Marcos, rumos, posses e braças quadradas: refazendo os caminhos da demarcação da Sesmaria dos Índios de Monte-Mór – Província da Parahyba do Norte (1866–1867). *Outros Tempos*, v. 19, n. 34, p. 139–169, 2022.

PALITOT, Estêvão Martins. Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura. 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

PALITOT, Estêvão Martins. Os Potiguara de Monte-Mór e a cidade de Rio Tinto: a mobilização indígena como reescrita da história. *Revista de Estudos e Investigações Antropológicas*, [S.l.], maio 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/230057. Acesso em: 25 set. 2022.

PALITOT, Estêvão Martins. "Questões que diariamente ali se agitam": o processo de extinção das sesmarias de índios no litoral sul da Paraíba (1865–1867). In: *XXVII Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: ANPUH, 2013.

PALITOT, Estêvão Martins; YOGI, Euriko dos Santos. Dormindo com o inimigo ou prosperando nas ruínas? Dilemas da plantation canavieira entre os Potiguara da Paraíba. In: RAUBER, Marcelo et al. (org.). *Agronegócio e desconstrução de direitos territoriais de povos etnicamente diferenciados: ação política e efeitos sociais das formas contemporâneas de exploração agrária*. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

PERES, Sidnei Clemente. Os Potiguara de Monte-Mór e a luta pelo reconhecimento do seu território. In: RICARDO, Carlos Alberto (ed.). *Povos Indígenas no Brasil, 1996–2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2001.

PERES, Sidnei Clemente. *Relatório dos novos estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Potiguara de Monte-Mór*. Brasília: FUNAI, 2004.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, Jônatas de Azevedo. *A educação diferenciada indígena e a retomada na terra potiguara na aldeia Três Rios – Marcação/PB*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – CCAE, Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2024.

TÓFOLI, Ana Lúcia Farah de. *As retomadas de terras na dinâmica territorial do povo indígena Tapeba: mobilização étnica e apropriação espacial*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.